
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JULIENE CRISTINE JOIA

**“*PROFESSORES HOLLYWOOD*”:
CONSTITUIÇÃO DA IMAGEM DOCENTE**



Rio Claro
2009

JULIENE CRISTINE JOIA

“PROFESSORES HOLLYWOOD”: CONSTITUIÇÃO DA IMAGEM
DOCENTE

Orientador: PROFº DR. SAMUEL DE SOUZA NETO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio
Claro, para obtenção do grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Rio Claro
2009

370.71 Joia, Juliene Cristine
J74p Professores Hollywood: constituição da imagem docente /
Juliane Cristine Joia. - Rio Claro : [s.n.], 2009
90 f. : il., fots.

Trabalho de conclusão (Licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências
Orientador: Samuel de Souza Neto

1.Professores-Formação. 2. Filmografia. 3. Influência da
mídia. 4. Identidade docente. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

*Dedico este trabalho ao meu saudoso avô
Celso Gatto, que me ensinou o verdadeiro
significado da palavra infância.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força para terminar escrever esse trabalho e pela proteção recebida, e por fazer deste sonho, uma realidade.

Muitas pessoas fizeram parte da minha vida universitária, por isso tenho que agradecê-las:

- A minha amada mãe Sara, pelo companheirismo, amor e dedicação. Por todas as coisas boas que fez e que faz por mim. Por estar sempre ao meu lado me apoiando e me incentivando.
- Ao meu querido pai João Eduardo, pelos sacrifícios investidos em minha educação, pelas noites que ficou me esperando sair da faculdade, enfim esta conquista também é sua.
- A minha irmã Giovana pela compreensão (após muitas explicações) de possibilitar as intermináveis horas diante ao computador.
- A minha avó Neide, meu tio Celso e minha tia Regina por estarem presente neste momento especial.
- Aos professores do Colégio Anglo Claretiano, pelos conhecimentos transmitidos. Principalmente a professora Jeanine por ter me introduzido no fantástico mundo das palavras.
- Aos docentes da UNESP de Rio Claro que contribuíram para minha formação. Foi com vocês que me desenvolvi pessoalmente, culturalmente e profissionalmente.
- Um agradecimento especial ao meu orientador Profº Dr. Samuel de Souza Neto, pela disponibilidade, paciência e dedicação. Através de suas atitudes percebi que você foi muito mais do que um orientador, foi um amigo. Graças a você este trabalho foi concluído no prazo
- A Larissa Benites, pelas preciosas dicas e sugestões que contribuíram na elaboração desta pesquisa.
- Ao grupo de estudos do professor Samuel, que proporcionou momentos de riquíssimos conhecimentos.
- A equipe das escolas em que fiz estágio: Armando Grisi, Antônio Sebastião e Dante Egreggio, que foram fundamentais na minha formação.
- Aos meus amigos Giovana e Heitor, com vocês aprendi que por mais que o tempo passe e a distância aumente a verdadeira amizade permanece em nossos corações.
- As minhas companheiras de faculdade, Aline, Marília, Rianny, Glaucia, esta jornada de quatro anos foi muito mais fácil com a presença de vocês. Nunca vou esquecer de nosso grupo, da rotina universitária, com trabalhos, seminários, estágios e muitas risadas. Vocês são como uma segunda família pra mim.
- A minha amiga Marina Cyrino pelas animadas conversas durante as caronas e por se desesperar comigo às vésperas da entrega deste trabalho.
- A minha grande amiga Bete, pelo apoio em dois momentos da vida universitária: na época do vestibular e na elaboração desta pesquisa.

- E as companheiras de trabalho do Projeto Presença e Esperança – SESI, pelos momentos de descontração. Especialmente a coordenadora e amiga Bernadete por fazer de cada dia um novo aprendizado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
2. A IDÉIA DE DOCÊNCIA, PROFISSÃO DOCENTE E A SUA RELAÇÃO COM O CINEMA, COM A FILMOGRAFIA	12
2.1 Profissão Docente: Identidade em crise	12
2.1.1 Constituição da profissão docente	12
2.1.2 Docência: uma identidade em crise	16
2.2 Cinema, filmografia e professores.....	20
2.2.1 Cinema: uma cultura presente na sociedade.....	20
2.2.2 Os sentimentos e as sensações dos telespectadores diante da projeção.....	23
2.2.3 A escola e os professores como destaque na filmografia.....	26
3. OS FILMES SOBRE A VIDA DE PROFESSORES E EDUCADORES: EDUCAÇÃO, ESCOLA E DOCÊNCIA.....	28
3.1 A creche do papai.....	28
3.1.1 Ficha técnica.....	29
3.1.2 O filme: resumo.....	30
3.1.3 A escola.....	33
3.1.4 As relações do professor com a sociedade.....	33
3.1.5 A educação.....	36
3.1.6 Ser Educador.....	37
3.1.7 Perspectivas com relação á docência no perfil do educador.....	41
3.2 Escola de Rock.....	42
3.2.1 Ficha técnica.....	42
3.2.2 O filme: resumo.....	43
3.2.3 A escola.....	46
3.2.4 As relações do professor com a sociedade.....	47
3.2.5 A educação.....	50
3.2.6 Ser Educador.....	51
3.2.7 Perspectivas com relação á docência no perfil do educador.....	53
3.3 Sociedade dos poetas mortos.....	54
3.3.1 Ficha técnica.....	54
3.3.2 O filme: resumo.....	55
3.3.3 A escola.....	59

3.3.4 As relações do professor com a sociedade.....	59
3.3.5 A educação.....	62
3.3.6 Ser Professor.....	65
3.3.7 Perspectivas com relação á docência no perfil do professor.....	66
3.4 Escritores da liberdade.....	68
3.4.1 Ficha técnica.....	68
3.4.2 O filme: resumo.....	69
3.4.3 A escola.....	72
3.4.4 As relações do professor com a sociedade.....	73
3.4.5 A educação.....	78
3.4.6 Ser Professor.....	82
3.4.7 Perspectivas com relação á docência no perfil do professor.....	84
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
5. REFERÊNCIAS.....	89

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

Profissão docente, formação inicial e continuada, exercício profissional são temas que tem gerado estudos em diferentes eixos temáticos, sendo que no âmbito desse contexto os “especialistas da educação” têm desenvolvido pesquisas que abarcam também a questão do currículo, prática docente, profissionalidade, desenvolvimento profissional, histórias de vida, autobiografias, entre outras temáticas na tentativa de se encontrar saídas para problemas freqüentes no meio escolar.

Os limites apontados assinalam para perspectivas de estudos que colocam o professor no centro das investigações, ora valorizando a sua identidade, ora apontando para os saberes que fundamentam o seu conhecimento e ora para a prática pedagógica, podendo-se incluir outros temas, visando à superação de limites apontados nas pesquisas.

Em seu estudo, Nóvoa (1999) relata que os professores são vistos na sociedade atual como um dos agentes fundamentais para o seu desenvolvimento. E como responsáveis pela formação das novas gerações estão na esfera das preocupações políticas e sociais. Porém, apesar de se destacarem por exercerem uma profissão fundamental para o desenvolvimento e a formação dos alunos são questionados tanto pela mídia como no âmbito das políticas públicas.

Como exemplo do que foi arrolado pode-se citar como fonte marginal a publicação do Jornal Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, do dia 4 de outubro de 2009, página C4, em que se encontram as seguintes manchetes:

“Para UNESCO, situação do professor é crítica”.

“Relatório aponta falhas na formação, que enfatiza pouco a relação entre teoria e prática e falta de valorização profissional”.

“Quase a metade dos professores tem pais sem nenhuma escolaridade ou que chegaram apenas a quarta série do ensino fundamental”.

O próprio jornal, ainda, buscando referendar o teor da matéria inclui-se entrevista com pesquisadores e consultores, buscando dar densidade e credibilidade a notícia, como poderá ser visto a seguir...

A formação é precária com pouca ênfase na relação entre teoria e prática. E não há acompanhamento adequado de estágios. Fazer isso de maneira benfeita tem um custo alto, pois envolvem um professor designado para acompanhar cada estudante em seu projeto. Muitas faculdades privadas não estão dispostas a arcar com isso”.(BERNADETTE GATTI. In: Jornal Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, 4 de outubro de 2009, p. C4)

Salários, apenas não operam milagres. De que adianta aumentar os rendimentos do professor se ele continuar a ser formado da mesma maneira? (CÉLIO DA CUNHA. In: Jornal Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, 4 de outubro de 2009, p. C4)

Não há dúvida que tanto a fala da pesquisadora como a do assessor tem o seu fundamento, mas necessitam ser contextualizadas em sua origem, ou seja, eles falam de que lugar e falam para quem?

Na literatura há uma vasta produção acadêmica em torno da figura do professor, explorando entre outras questões a formação inicial e a formação continuada. Entretanto, embora haja esta efervescência os professores se sentem cada vez mais desmotivados, pois a profissão docente é uma carreira que tem sido muito comentada e debatida, levando a categoria docente a se sentir como uma classe “incompetente” e “desvalorizada”.

Os professores reconhecem que a profissão necessita de reconhecimento, bem como a educação prescinde de valores e de um projeto mais amplo de emancipação da pessoa humana na sociedade. Pode-se colocar que a crise dos professores é, antes de qualquer coisa, uma crise da educação (ARENDT, 1972), sendo o fracasso escolar apenas a ponta desse *iceberg*.

No geral, os professores vêm recebendo atenção não só dos especialistas, mas de investigadores e estudiosos da educação, bem como da mídia, especialmente a cinematográfica, explorando as mais diferentes faces da docência. Todavia, como já foi

colocado por Nóvoa (1999) os problemas políticos foram transformados em problemas pedagógicos, colocando o professor no epicentro.

Dessa forma falar sobre os professores torna-se uma tarefa complexa dada a amplitude dos enfoques que podem ser encontrados, nos levando, nesse trabalho, a ter como recorte a filmografia. Escolheu-se esta delimitação, considerando o grande número de filmes que no presente podem ser encontrados sobre a vida de professores, ora não considerando a especificidade da formação e ora enfatizando a perspectiva de alguém que pelo esforço, abnegação, altruísmo vai solucionar o problema da educação.

Outro motivo que nos levou a escolher a filmografia, ou perspectiva mediática, foi a compreensão de que estamos vivendo um período em que a cultura da imagem fala, muitas vezes, mais que um texto, se tornando um grande recurso pedagógico. Em face desse percurso cabe acrescentar também que pertencemos a geração de pessoas que gostam de ver filmes.

Por ser uma espectadora de filmes produzidos pela mídia cinematográfica e estar cursando Licenciatura Plena em Pedagogia¹ escolhi a temática apontada, considerando instigante pesquisar sobre os paradigmas que tem norteado o mundo “mágico” da escola com os seus atores.

Os filmes são instrumentos de veiculação mundial por abordarem temas comuns à vida humana, como o amor, a tragédia, o sonho, a conquista. Através dos filmes as pessoas identificam situações e hábitos, podendo se espelhar nas representações do “modo de vida hollywoodiano”. Por isso, escolheu-se a análise de filme, com a intenção de conhecer como os filmes norte-americanos enfocam essa profissão.

Desse modo, no âmbito dos pressupostos apresentados, este estudo teve como **problema** central de investigação:

Quais os elementos produzidos na filmografia norte-americana sobre a questão do ser professor/educador que mais contribuem para identificar às dimensões da docência, considerando-se os enredos dos filmes nas representações sociais veiculadas?

Em face desse questionamento e problema, este trabalho tem como **objetivo** *averiguar na produção hollywoodiana as perspectivas apresentadas sobre a docência, com ênfase maior na questão do ser professor/educador.*

¹ - Curso que me fez “abrir os olhos” para determinadas pré-concepções e aprimorar meus conhecimentos sobre a carreira docente e os elementos que norteiam essa profissão.

Na busca de respostas escolheu-se a **pesquisa de natureza qualitativa**, do tipo **exploratória** (descritiva), tendo como trabalho de campo a análise de filmes que retratam a profissão docente produzidos pela indústria cinematográfica norte-americana.

Entre os materiais utilizados, visando à análise dos filmes, foi necessário um aparelho de DVD e uma televisão. Os dados da análise qualitativa consistiram em descrições detalhadas de situações envolvendo a figura do professor com o objetivo de se compreender o perfil profissional apresentado, entre outras possibilidades pertinentes ao fazer docente.

Com relação a análise dos filmes priorizou-se a construção da narrativa sobre os professores, buscando retratar a exposição da figura docente na mídia cinematográfica, enfim, a “cultura” na qual estão imersos.

Escolheu-se a análise de filme, pois a imagem, bem como o conteúdo (discurso) oferecem um registro poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais-concretos, materiais. Por ser uma informação visual não necessita ser em forma de palavras escritas ou em forma de números, mas sim de dados visuais (BAUER; GASKELL, 2005). Embora haja esta compreensão foi incluído determinado diálogos sobre o “ser-professor”, preocupação desse estudo, visando a sua caracterização.

Para a realização desse trabalho foram escolhidos quatro filmes que retratam história de professores/educadores. Os filmes foram selecionados em dois grupos: um em que os professores são professores e o segundo em que os professores se tornam professores. Na exibição dos filmes utilizou-se como recurso a legenda em português, visando selecionar frases ou trechos que permitissem o seu uso, assim como da capturação de imagens para apresentá-las na forma de figuras e permitir uma visualização, uma ilustração do filme em pauta.

Desse modo, no primeiro momento os filmes foram selecionados e agrupados segundo a proposta descrita, enquanto que num segundo momento os filmes foram vistos, sendo feito um resumo sobre cada obra. Os filmes foram analisando em quatro categorias: a escola em que o professor atua; a relação do professor com a sociedade (pais de alunos, alunos, professores, diretores e etc.); o sistema educativo (metodologias de ensino e avaliação) e as características do professor/educador, enquanto ator, sujeito principal desse estudo. O foco foi o discurso do professor principal e a descrição de suas atitudes.

Em um terceiro momento foram analisados os pontos em comuns e divergentes dos filmes. Os filmes foram selecionados, tendo como critério a diversidade, acessibilidade do público a eles em locadoras e aderência a sua trama (comédia, ficção, drama), bem como por

uma questão particular ao se entender que estes davam margem a análises diversificadas.

Essas produções variam de estilo (gênero), por isso optou-se por escolher filmes de diferentes épocas, podendo abranger um contexto amplo da profissão de professor. Da mesma forma se poderia retratar aspectos diferenciados, influenciados algumas vezes, pela ideologia política da época, e outras, pela atitude e valores dimensionados pela busca pessoal por uma identidade profissional oposta a este profissional do conhecimento. (CAMPOS, 2005).

Neste contexto, o trabalho foi organizado em mais três capítulos, não incluindo-se esta introdução, no qual o segundo capítulo trata da questão da profissão docente, dos aspectos que norteiam esta carreira e suas principais características, adentrando-se também no tópico relacionado ao cinema e a influência de determinada cultura (no caso a norte-americana) na sociedade. O capítulo três tratou dos resultados encontrados da análise dos filmes, realizando a sua discussão, ficando o último capítulo vinculado às considerações finais. Fazem parte do corpo desse trabalho as referências que foram utilizadas e as imagens dos filmes.

Capítulo 2

A IDÉIA DE DOCÊNCIA, PROFISSÃO DOCENTE E A SUA RELAÇÃO COM O CINEMA, COM A FILMOGRAFIA

2.1 Profissão Docente: Identidade em Crise

2.1.1 Constituição da profissão docente

A constituição da profissão docente está atrelada a diversos fatores, entre eles o fator histórico e social. Papi (2005) descreve que o termo profissão tem grande carga social, por denotar, culturalmente, prestígio e consideração.

A profissão docente carrega esse peso de ser a grande responsável por transformar os aspectos sociais em função dos professores serem vistos não somente como agentes culturais, mas também como agentes políticos, capazes de prover os indivíduos condições para uma nova forma de vida. Porém, o prestígio e a consideração são postos em dúvida e debate.

Papi (2005), utilizando os estudos de Nóvoa (1995), relata que o exercício da docência iniciou-se nas relações com a Igreja, cabendo aos religiosos a responsabilidade pela educação. Mais tarde, o ensino foi estatizado e sob a tutela do Estado os professores foram se integrando ao funcionalismo público. O Estado pagava o salário dos professores e ditava as normas para o exercício da docência que, aos poucos, perdia autonomia e criava dependência dos órgãos administrativos.

A autora expõe que mesmo sob a tutela do Estado, o trabalho dos professores continuou relacionado, no imaginário social e no dos próprios professores, às virtudes de

benevolência, tolerância, abnegação, compreensão, sacerdócio e altruísmo, que são heranças da origem religiosa.

É possível compreender que apesar da evolução da carreira docente e da variação da responsabilidade pelo sistema educacional, a profissão docente esta saturada de características do período do processo inicial da profissionalização.

Para Nóvoa (1994) os professores encontram-se em dificuldades desde os anos 80, podendo-se apontar nesse itinerário dois processos: um de profissionalização e o outro de desprofissionalização/proletarização.

Com a profissionalização os professores podem melhorar o seu estatuto profissional, mas com a desprofissionalização acarreta-se a perda de salários e a postura de funcionários de serviço público.

O autor afirma que com a profissionalização os professores possuem a possibilidade de construir um saber pedagógico que não seja puramente instrumental, ou seja, os momentos fortes de produção de um discurso científico em educação são, também, momentos fortes de afirmação profissional dos professores. Porém, estes momentos contêm uma desvalorização da profissão, uma vez que provocam a “deslegitimação” dos professores como produtores de saberes e investem novos grupos de especialistas que se assumem como “autoridades científicas” no campo educativo.

Papi (2005) classifica os professores como semi-profissionais, pois não cumpre todas as características de uma profissão. As semi-profissões são ocupações mais curtas, com menos status, com um conjunto de conhecimentos menos especializados e uma menor autonomia. Do mesmo modo a profissão docente também tem sido marcada pela feminização e burocratização.

Assim é comum a profissão docente ser vista como um perfil de profissão exercida por mulheres que aderem a esse exercício profissional por trabalhar meio período, podendo conciliar uma carreira profissional com os afazeres domésticos e familiares, além de serem aceitas pela sociedade por possuírem uma dimensão maternal.

Neste contexto há uma certa resistência da figura masculina no exercício docente (principalmente quando se trata da Educação Infantil e das primeiras séries do Ensino Fundamental). Quando se tem essa presença é comum uma certa desconfiança por parte da sociedade, pois a figura masculina não esta associada com a docência.

Porém, retomando as considerações de Nóvoa (1994) sobre o processo de profissionalização encontramos em Enguita (1991) que esta crise de identidade revela as mil e uma polémicas e dilemas em que se manifestam a ambivalência dessa questão. Portanto,

também referenda a visão de que os professores se encontram em um lugar intermediário entre a profissionalização e a proletarização, pois o termo “profissionalização” aparece associado como expressão de uma posição social e ocupacional, enquanto que a “proletarização” aparece associada ao trabalho fabril. Da mesma forma Papi (2005) também relaciona o exercício da docência com o trabalho proletarizado. Para ela há uma semelhança entre o trabalho do professor e do operário.

Para Gonçalves (2009) a maneira de ser professor varia ao longo da carreira, configurando um processo evolutivo no qual é possível identificar momentos específicos, marcados por diferenças de atitude, de sentimentos e de empenhamento na prática educativa. Este é resultante do modo como ele observa as relações com os seus pares e com os alunos, a sua prática e o sistema educativo em geral. Ou seja, o indivíduo se torna professor de acordo com o desenvolvimento pessoal e profissional que se realiza através das transições da vida.

O autor divide a carreira docente em ciclos/ fases:

1. “O início”: que dura cerca de quatro anos, que é o momento de descoberta da carreira;
2. “Estabilidade” que oscila entre os 5 e 7 anos da carreira profissional, é uma fase de acalmia da profissão;
3. “Divergência” que aparece por volta dos 8 aos 14 anos de serviço, é a fase do desequilíbrio;
4. “Serenidade” que situa-se entre os 15 e 22 anos de carreira, marcada por uma quebra do sentimento de entusiasmo e;
5. “Renovação do interesse e desencanto”, o fim da carreira, entre os 23 e 31 anos de serviço, marcado pela espera da aposentação (apresentando cansaço, saturação e impaciência ou mostrando um entusiasmo em aprender coisas novas.

No entanto, para Cortesão (2002) o bom professor é aquele “professor monocultural” - competente, “sabe”, domina conteúdos científicos que são consideráveis imprescindíveis e consegue traduzir o conhecimento científico para os alunos.

Sobre o assunto Tardif (2002) conceitua um professor como alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros. Porém, há uma relação problemática entre os professores e esses saberes em função de estarem presentes na carreira docente diferentes saberes, como os disciplinares, curriculares, profissionais e experienciais. São os elementos que constituem a formação inicial e continuada, bem como a prática docente, compondo o perfil de um professor que deveria conhecer a matéria, sua disciplina e

seu programa. Deveria também possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos.

Neste contexto, ao descrever a profissionalidade docente, Papi (2005) e Benites (2005) utilizam como referência as idéias de Contreras (2002), abarcando três dimensões:

- **obrigação moral** - tendo como componentes a preocupação com o bem estar dos alunos e com a ética, perpassando as relações de afetividade e motividade;
- **compromisso com a comunidade** - estabelecendo, inicialmente, com os professores e, a seguir, com a sociedade como um todo intervenção nos problemas sociais e políticos, e compreendendo a escola como um local de preparação para a vida futura, como agente regulador da sociedade (liberdade, igualdade, justiça);
- **competência profissional** - transcende o domínio de habilidades e técnicas e emerge a partir da interação entre a obrigação moral e o compromisso com a comunidade. (CONTRERAS, 2002, p. 73)”

Essas competências não se referem apenas a competência técnica, mas a competência que mobilize o conjunto de saberes necessários ao exercício da profissão, enquanto prática social. É necessário valorizar as dimensões humanas, como as diferentes relações entre os homens, a capacidade de compreensão, respeito mutuo, colaboração e empatia. Isto contribui para a autonomia docente, pois o professor compreende a si mesmo, seus critérios profissionais e de outros profissionais que possam estar envolvidos no processo de ensino.

Papi (2005) conclui que é necessário resgatar a profissionalidade docente. É preciso uma redefinição das características da profissão na busca de uma identidade profissional. Estes são requisitos imprescindíveis para que a escola tenha a possibilidade de oferecer serviços de qualidade e um produto de qualidade. Do mesmo modo, através dessas condições, os alunos que passem por ela, ganhem melhores e mais efetivas condições de exercício da liberdade política e intelectual e para que o coletivo dos professores desenvolva a cultura do profissionalismo, mais próximo de alcançar as aspirações de maior credibilidade e dignidade profissional (PAPi, 2005 *apud* LIBÂNEO, 1998).

Através destes fatores presentes na carreira docente, percebe-se que há uma certa dificuldade em definir o conceito desta profissão, acarretando um conflito em delimitar as especificidades desta carreira.

2.1.2 Docência: uma identidade em crise

Vivemos em uma sociedade marcada pela impregnação do capitalismo que se constitui como a força dominante com relação à compreensão de Estado, havendo conflitos entre processos hegemônicos de globalização e simultâneas emergências e afirmações de múltiplas identidades.

Em meio a essa desordem que são originados situações múltiplas de identidade, os indivíduos não se encontram e não os constituem. A profissão docente (e a identidade desse profissional) se encontra nesta situação (CORTESÃO, 2002).

Cortesão (2002) reconhece que a escola que temos não foi concebida para os alunos e que, pelo contrario, desesperadamente tenta permanecer idêntica a si própria, exigente e seletiva, por pressão de um sistema econômico que, prioritariamente, está interessado no aumento da eficiência e eficácia e na competição.

Esses fatores contribuem para o aumento do fracasso escolar e a crescente visualização dos problemas escolares, atraindo o interesse de estudiosos. Mas é importante destacar que os professores também se sentem mal, e se interrogam sobre qual é o seu papel nesta escola.

Entre as várias características da profissão docente e do real papel dos professores no âmbito educacional, constata-se que:

Há toda uma galeria de personagens e de papéis possíveis (eventualmente) de assumir (desempenhar) pelos professores: aqueles que se confinam a ministrar uma “educação bancária” submetido ao campo econômico e representam um instrumento de reprodução sociocultural; os professores que no seu trabalho são “tradutores” do saber científico produzido por outrem; os que ensinam um “ofício de investigador” de acordo com uma atuação semelhante à de “um treinador de um atleta de alta competição” e ainda os que admitem que ele pode ter um papel que se aproxima do de um investigador- ator crítico. (CORTESÃO, 2002, p. 17 e 18).

Nesta citação é possível averiguar que não há uma única identidade do professor, e que o papel que ele desempenha está associado a determinadas situações em que se encontram, ou seja, eles devem agir como define a ocasião. Em uma instituição escolar privada ele atua de modo que os proprietários da escola desejam, enquanto que numa instituição pública são submetidos às normas do Estado e da Secretaria de Educação. Estes fatores interferem na constituição de uma “identidade única” para o grupo dos professores.

Para Cortesão (2002) com o desenvolvimento capitalista os professores, formadores e investigadores em educação passaram a “bodes expiatórios”. Sendo culpabilizados por problemas sociais e económicos com que os diferentes Estados-Nação se debatem.

Nóvoa (1999) assinala que os professores são vistos na sociedade atual como um dos agentes fundamentais para o seu desenvolvimento. Porém há controvérsias em relação aos educadores que, ao mesmo tempo, são considerados os responsáveis pela formação das novas gerações. De um lado estão no centro das preocupações políticas e sociais e por outro estão no centro das discussões do fracasso escolar.

Em relação a esse pressuposto averigua-se que:

Por um lado, os professores são olhados com desconfiança, acusados de serem profissionais medíocres e de terem uma formação deficiente; por outro lado, são bombardeados com uma retórica cada vez mais abundante que os consideram elementos essenciais para a melhoria da qualidade do ensino e para o progresso social e cultural. (NÓVOA, 1999, p 2).

Papi (2005), seguindo as idéias de Esteve (1999), também considera o exercício profissional como contraditório, pois o discurso oficial diz que sua função é indispensável na sociedade. Porém, os estudos revelam um crescente mal estar ocasionado pela pouca valorização profissional traduzida por baixos salários, desvalorização social, entre outros fatores.

No entanto ao mesmo tempo em que há este olhar de desconfiança também se considera a presença dos professores fundamental na sociedade, atribuindo a eles várias responsabilidades, entre elas, a de educar os alunos em todos os sentidos, culturalmente, socialmente, intelectualmente, tecnicamente (preparando para atuar no mercado de trabalho) etc. Porém...

Costuma-se dizer que os professores são avessos às mudanças, que insistem na reprodução das velhas práticas pedagógicas e que, por isto, são os grandes responsáveis pelo fracasso das reformas educacionais implementadas nas redes públicas de ensino. (SARTI, 2008, p.1)

De modo que se a formação dos alunos não for atingida, conforme o esperado, geralmente, os professores são considerados os responsáveis por essa não concretização das

expectativas depositadas neles, pois, muitas vezes, o fracasso dos alunos nos rendimentos escolares é atrelado aos mestres.

A profissão docente é marcada pela falta de autonomia. Há uma desconfiança por parte dos superiores (diretores, dirigentes escolares, entre outros) em relação aos professores que inovam em suas metodologias e abordagens de ensino. Este problema acaba também por desmotivar os docentes a criarem métodos de ensino que efetivem a aprendizagem, contribuindo para reprodução do sistema e não correspondendo aos interesses e realidades dos educandos, podendo acarretar no crescimento do fracasso escolar. Ou seja, pressupõe-se que os principais problemas da educação são decorrentes da prática ineficaz dos professores e, conseqüentemente, de sua formação.

Entretanto, na tentativa de se suprir essa má formação acaba entrando nesse cenário outro personagem, os “especialistas da educação” (que são os indivíduos que controlam o sistema educacional, porém não vivenciam a realidade escolar), com suas técnicas e métodos nem sempre compatíveis com a realidade da cultura escolar. Estes convidam “espontaneamente”, via Estado ou Município, os professores a reproduzirem determinados padrões específicos, no processo de alfabetização cultural.

Uma das realidades mais importantes das duas últimas décadas é o desenvolvimento extraordinário do campo universitário da pedagogia e/ou das ciências da educação. Hoje em dia, há milhares de investigadores nessa área (...)

Esta comunidade científico educacional alimenta-se dos professores e legitima-se por meio de uma reflexão sobre eles. (NÓVOA, 1999, p.3).

Dentro desse itinerário apontam-se caminhos com soluções rápidas, na ausência de uma política pública densa, consideradas essenciais para a solução do fracasso escolar, não se levando em conta que estas propostas educacionais podem não constituir avanços para o que é vivenciado pelos professores na escola. Em contrapartida os professores se sentem desvalorizados, desmotivados, sem “autonomia”, enfim, podendo entrar no quê se denominou chamar de *teacher burn out* (mal estar docente).

Segundo Cortesão (2002) este “mal estar” se faz crescente em diferentes instituições de diversos níveis do sistema educativo. É importante destacar que esse “mal estar” está também acompanhado e sublinhado pela crescente agressividade com que alguns meios de comunicação social, certas pessoas e algumas entidades mais responsáveis se referem a esta situação.

Trata-se, em geral de pessoas que se auto-promovem a especialistas em educação e que atacam professores, formadores, investigadores e o processo educativo em geral. A autora enfatiza que se não houver uma inversão nos processos de organização social e educativa esta situação de mal-estar tenderá a agravar-se. Portanto, o professor se encontra no centro do processo investigativo não só sua identidade, mais também seus saberes, métodos e relações com a escola e a sociedade.

Há uma vasta produção acadêmica em torno da figura do professor, explorando suas diversas faces, como a sua identidade, a prática, o encadeamento da carreira, sua formação inicial e continuada e etc. Porém;

Os educadores e pesquisadores, o corpo docente e a comunidade científica tornam-se dois grupos cada vez mais distintos, destinados a tarefas especializadas de transmissão e de produção dos saberes sem nenhuma relação entre si. (TARDIF, 2002, p.35).

Ou seja, a relação entre esses dois grupos obedece, de forma global, a uma única lógica de divisão do trabalho entre produtores de saber e executores ou técnicos. Apesar de terem um mesmo objetivo, que é o desenvolvimento da educação, esses dois grupos não conseguem dialogar rumo a esse objetivo. Essa falta de entrosamento nos dá a sensação que há uma disputa entre eles, dificultando a execução de atitudes que contemplem o objetivo a ser alcançado.

Nóvoa (1994) destaca que apesar de haver grandes produções acadêmicas com foco no estudo sobre o professor e suas dimensões há uma pobreza das práticas pedagógicas, compondo o excesso do discurso científico-educacional, tal como ele se produz nas comunidades acadêmicas e nas instituições de ensino superior.

Cortesão (2002) concorda com Nóvoa e se refere aos especialistas como os acusados de produzirem trabalhos “demasiado” teóricos sem “utilidade prática” evidente e de recorrerem a um jargão erudito que torna os seus textos inteligíveis e não especialistas. Averigua-se que os “especialistas da educação” pesquisam sobre a carreira docente (e divulgam essas produções acadêmicas), mas pouco fazem para contribuir na melhora do exercício professoral, nos levando para o próximo tópico.

Dentro desse contexto, uma das formas de se contemplar a atenção depositada nos professores, fora os livros e a literatura especializada sobre o assunto, aparece registrada nos filmes, iconografias ou textos em movimento na forma de ficção, comédias ou dramas,

compondo o retrato humano e trabalhando as diferentes dimensões humanas no escopo de representações sociais.

2.2 Cinema, filmografia e professores

2.2.1 Cinema: uma cultura presente na Sociedade

Cinema é considerado como uma arte e os filmes são um material de fácil acesso na sociedade, sendo que a maioria dos filmes são compostos por uma linguagem em que todos compreendem. A imagem é outro fator que propicia o entendimento da história, por isso a grande procura por esse tipo de material.

Fabris, diz que:

Compreender o cinema como um artefato cultural é associar a ele significados que ultrapassam as noções com as quais o descrevemos como arte, ou como meio de comunicação. Não se nega esses atributos, mas adiciona-se a eles um significado corrente nos Estudos Culturais: cinema é um artefato da cultura, produzido por e produto de práticas sociais, portanto, atravessado por múltiplos significados. O cinema é, assim, um dispositivo cultural que produz representações, significados sociais que fabricam identidades. (FABRIS, 1999, pag.50)

Vivemos em uma sociedade capitalista, os avanços tecnológicos crescem continuamente e juntamente com essas conquistas ocorre o processo de globalização que:

...traz enormes transformações nas práticas sociais que se caracterizam pela descartabilidade, instantaneidade, velocidade, movimento, novidade, proliferação de imagens, mutabilidade, competição, consumo, avanço tecnológico, entre outras características. (FABRIS, 1998, p.92)

O cinema faz parte desse avanço tecnológico. Para Stam (2003), a história e a teoria do cinema “deve ser considerada á luz do crescimento do nacionalismo, para qual o cinema se transformou em um instrumento estratégico de “projeção” dos imaginários nacionais” (p.33). O autor diz que o cinema não apenas evidencia o pensamento poético das coisas no mundo, mas traduz as percepções modificadas da vida urbana contemporânea, ou seja, a velocidade, a simultaneidade, a múltipla informação. Ou seja, à medida que essa vida urbana

contemporânea se desenvolve, o cinema evolui projetando na tela imagens compatíveis a essa realidade. Podemos concluir que por vivermos nesta contemporaneidade estamos imersos numa cultura da imagem (FABRIS, 2008).

No âmbito desse avanço tecnológico ocorre a disseminação da informação em uma velocidade aligeirada, sendo possível incluir o cinema como participante desse avanço. Portanto, o cinema atua como uma língua franca da humanidade, uma forma de expressão que todos os indivíduos do século XXI podem compreender essa língua. (COUTINHO, 2008)

Os Estados Unidos é considerado um país desenvolvido, uma nação que exporta sua cultura para vários países, podendo ser comum encontrar em diferentes partes do mundo marcas e estilos de roupa, redes de lanchonete, hábitos americanos que trazem subjacentes a eles “culturas” e a cultura americana. Um exemplo disso é a grande influência da mídia cinematográfica exercida por este país, bem como pelos países de primeiro mundo, onde se encontram grandes produções de cinema.

Stam (2003) em sua obra “Introdução à teoria do cinema” diz que teoria do cinema é um empreendimento internacional e multicultural, mas freqüentemente permanece sendo monolíngüe, provinciana e chauvinista e que o longa metragem *La Hollywood* é freqüentemente considerado como o “verdadeiro cinema”, de forma bastante semelhante aos hábitos norte- americanos.

Fabris (2008) complementa dizendo que Hollywood produz filmes que são considerados em sua abrangência como modelo que se impõe ao mundo. Essa poderosa indústria cinematográfica cria uma linguagem e uma narrativa que se tornam universal, marcando o modo de vida americano e exportando *american way of life*.

As produções hollywoodianas são marcadas pelo fato de objetificar as coisas e os sujeitos. Nesse processo subjetiva, governa, controla e produz identidades. Os filmes hollywoodianos “ensinam” formas de vida comprometidas com interesses específicos, ou seja, da matriz de onde são produzidos. Esses filmes apresentam esses estilos e padrões. As pessoas crêem no que vêem e passam a reproduzir e aderir os hábitos (e as culturas) que são consideradas ideais, mas, muitas vezes, esquecendo que vivem em uma realidade totalmente diferente dos padrões que os filmes projetaram.

Na visão de Fabris (1999), os filmes produzidos por Hollywood possuem o poder de criar narrativas com o sentido de universalidade. As histórias contadas são apresentadas como verdadeiras para todo o mundo, não só para a população que reside no local das produtoras. Essas empresas cinematográficas criam estratégias de autolegitimação, quando vai se impondo com o olhar: “melhor”, “verdadeiro”, “eficiente”, um “modelo” a ser seguido em

todo o mundo. Porém, se torna necessário compreender que na linguagem filmica alguns significados ditos como “verdadeiros” e “naturais” são inventados e produzidos.

Hollywood está localizada no distrito de Los Angeles, Estado na Califórnia nos Estados Unidos, sendo considerada como a grande indústria cinematográfica. Como expressão desse *american way of life* uma de suas principais características é a produção de filmes que proclama o individualismo, perpetuando-se este mesmo processo nos estúdios que estão localizados em comunidades adjacentes. Por exemplo: William Fox, XXth Century Fox (Fox), Metro Goldwyn Mayer (MGM), Warner Bros (WB), Radio Keith Orpheum (RKO), Universal Studios Hollywood e Paramount Pictures. (FABRIS, 1999).

Almeida (1999) descreve que as pessoas que produzem os filmes são qualificados pela cultura acadêmica e artística. Porém os filmes são classificados em populares, de massa e etc., classificação esta que só se sustenta por critérios de bilheteria.

Oliveira Junior (1999) relata que todo produto audiovisual é ficcional, mesmo os documentários mais sérios já realizados, e que os telespectadores não assistem as coisas em si, mas sim as imagens. Porém acreditam no que assistem.

Neste contexto, Coutinho (2008) conceitua cinema também como uma dimensão lúdica. Para ela essa arte sugere sempre um jogo, desde seus primórdios. Um jogo que nos ensina sempre: a ganhar, a perder, a compartilhar e, principalmente, a fazer a nossa parte.

A autora descreve o cinema como uma indústria poderosa, presente em muitas partes do mundo, destacando que um filme corre sempre o risco de ser um sucesso ou um fracasso de público e de bilheteria. Portanto, apesar de cinema ser considerado como um meio que propicia o entretenimento para os telespectadores, ele é também uma indústria, um grande comércio, movido pela lei mais básica da economia: a oferta e o consumo. Inserindo-se no mundo dos homens por meio dos sentidos que captam, percebem sons e imagens visuais.

Atualmente, as grandes empresas cinematográficas investem em filmes de diferentes gêneros. Muitos abordam situações que vivenciamos na realidade, enquanto que outros focam a ficção científica, implementados de efeitos especiais da mais alta tecnologia, ou seja, as produtoras criam e exibem filmes para todos os públicos. Assim, semanalmente vemos a estréia e filmes de vários (muitas vezes todos) gêneros nos cinemas, podendo ficar em cartaz agradando as preferências de milhares de pessoas..

Os filmes são constituídos por enredos (por histórias) que contextualizam fatos, personagens, ambientes, carreiras etc. Nesses enredos são apresentados conceitos e valores que constituem uma história. Por isso é importante destacar que a história apresentada nem sempre corresponde com a realidade em que ela é vivenciada, ou seja, nem sempre os

enredos dos filmes apresentam uma cultura que realmente é verdadeira. Porém é através da projeção que essas histórias são exibidas à sociedade (telespectadores) que, como leigos acreditam nos enredos apresentados nas telas.

Segundo Vonderau (1999), o filme é o “mais afortunado historiador”, pois ele é fornecido como uma memória, onde todos os fatos que ocorrem na vida humana são registrados através da câmera e o registro fotográfico sempre será maior do que um observador normal. Seguindo as idéias do autor é possível constatar que o cinema pode funcionar como a história, como uma fonte ou um documento que não só da sua própria história estética, mas da história em geral. O filme pode ser utilizado como uma metáfora que ajuda a clarificar considerações gerais de uma determinada metodologia ou para servirem de documentos. Em síntese se pode dizer que todos os filmes são suscetíveis de serem interpretadas como documentos históricos, mesmo que esta não seja a sua principal função cultural.

Hansen (2003), seguindo as ideias de Robert A. Rosenstone (1995), afirma que os elementos dos filmes devem ser visto como forma de símbolo. Conforme esse autor os filmes tradicionais e clássicos comunicam a história como drama. Este drama é baseado no realismo cinematográfico, criando no espectador a ilusão de que nada tenha sido manipulado. As histórias seguem certa linearidade, contendo um início, um desenvolvimento, bem como levando, quase sempre, a um entendimento final, a um acerto, a um desfecho que deixa o telespectador com uma moral e uma sensação de alívio.

O telespectador manifesta diferentes reações diante de um filme, ao entrar em contato com a película ele espera que coisas aconteçam e entram no clima do filme, passando a sentir as sensações que os personagens sentem.

2.2.2 Os sentimentos e as sensações dos telespectadores diante da projeção

Como foi colocado anteriormente, os filmes são produções que estão cadê vez mais presente na sociedade, com a presença de pessoas das mais diferentes classes sociais. Um filme pode ser visto em casa pela televisão aberta, ou através de um aparelho que transmita esse tipo de imagem ou no cinema.

Os filmes são vistos pelas pessoas por diversas razões, principalmente, como uma forma de entretenimento/ diversão. Esse tipo de mídia também é utilizado nas escolas como forma de complementar os materiais didáticos.

Fabris (2008) refere-se aos filmes como obras marcadas pelos seus diretores, roteiristas e demais profissionais da equipe de produção, responsáveis pelo formato final da história, que nos encanta ou decepciona quando exibida nas telas do cinema.

Entretanto, este processo recebeu uma grande contribuição com o desenvolvimento tecnológico, momento em que ocorreu à evolução das produções cinematográficas, surgindo novos aparelhos transmissores de filmes e o progresso das imagens transmitidas pelas telas do cinema.

Stam (2003) diz em sua pesquisa que o ambiente do cinema contempla fatores, como: a situação cinematográfica (imobilidade, escuridão) e os mecanismos enunciativos das imagens (câmeras, projeções ópticas, perspectiva monocular) no qual estes induzem os sujeitos a projetar-se na representação, contribuindo para o imenso poder do cinema sobre os sentimentos humanos e a extraordinária “impressão da realidade” do meio cinematográfico. O autor conta que:

As imagens em forma de sombra nas telas, a escuridão da sala de cinema, a passiva mobilidade do espectador e o isolamento uterino dos ruídos ambientes e das pressões cotidianas, todos induzem a um estado artificial de regressão, produzindo “momentos arcaicos de fusão” não muito diferentes dos gerados pelo sonho. O cinema, portanto, atinge-nos duplamente: estímulos visuais e auditivos extremamente intensos nos inundam, ao mesmo tempo em que estamos predispostos à recepção passiva e ao autocentramento narcísico. O filme tal como um sonho, conta uma história- uma história traduzida em imagens e, por isso, reverberando a lógica de um processo primário que “figura a si mesmo através de imagens”. Técnicas especificadamente cinematográficas como a superposição e a fusão “imitam” as condensações e os deslocamentos por meio das quais a lógica de processo primário dos sonhos trabalha seus objetos fantasiados. (STAM, 2003, p. 229)

Fabris (2008) acrescenta a música como um elemento que reforça e/ou revela as emoções e sentimentos dos telespectadores, ressaltando que esta técnica é usada nos filmes para produzir certos significados, tanto aumentando o sentido de realidade quanto ampliando o estado emocional produzido por determinadas cenas. Alguns termos como: “tomadas”, “claquete”, “cenas”, “ângulos”, “planos”, “close-ups”, “efeitos óticos”, “efeitos especiais” compõe a linguagem técnica dessa produção cultural. A incorporação dessas tecnologias e o

uso da câmera, da iluminação, do cenário e do som são elementos que compõem o significado.

Podemos concluir que o cinema desempenha um poder nos telespectadores, transformando o indivíduo personificado e socialmente situado em um sujeito espectral (STAM, 2003).

Sempre que assistimos a um filme, de qualquer gênero e mesmo que com objetivo de recreação, ele nos faz coisas, ele nos constitui e nos ensina. (FABRIS, 1998).

É importante reconhecer que;

Os filmes são produções em que a imagem em movimento, aliada às múltiplas técnicas de filmagem e montagem e ao próprio processo de produção e ao elenco selecionado, cria um sistema de significações. São histórias que nos interpelam de um modo avassalador porque não dispensam o prazer, o sonho e a imaginação. Elas mexem com nosso inconsciente, embaralham as fronteiras do que entendemos por realidade e ficção. Quando dizemos que o cinema cria um mundo ficcional, precisamos entendê-lo como uma forma de a realidade apresentar-se. (FABRIS, 2008, p.02)

Um filme interfere na vida das pessoas, as histórias apresentadas geralmente nos transmitem alguns valores, temos a sensação de prazer ao assistirmos um filme, nos envolvemos com a história e seus personagens.

Moraes (2003), em sua pesquisa relata o poder da linguagem cinematográfica é composta por alguns recursos que permitem a efetivação das relações entre filmes e imaginário social. É comum as pessoas reconhecer uma identificação entre a vida dos personagens e a própria vida, ou uma oposição entre os valores de alguns personagens (principalmente os vilões) e os valores recomendados socialmente.

Oliveira Junior (1999) descreve que o cinema é fruto da modernidade, refletindo os homens que o criaram e o desenvolveram. Para esse autor, o ato de assistir um filme diz respeito a se envolver com as projeções transmitidas pela tela, momento em que se criam vínculos afetivos com os personagens, sentindo as mesmas dores, angústias e alegrias deles.

Para Fecé (1998);

A "realidade" não se faz na película, mas na consciência do espectador e do cineasta, vale dizer, do sujeito. A semelhança entre o universo filmado e o mundo real, produzida pelo mecanismo da câmera cinematográfica, outorga credibilidade a esse espaço virtual, distinguindo-se este da realidade filmada, sem atraí-la ainda que apoiando-se nela.

Ou seja, o autor é consciente da influência que a imagem propicia ao telespectador, compreendendo que essa imagem emitida, através da projeção, desvela uma realidade preexistente. Porém, ressalta também que o indivíduo ao receber a imagem manifesta seu pensamento, pois cada indivíduo possui sua subjetividade, seu ponto de vista e sua opinião. Para o autor é necessário que o telespectador tenha maturidade para compreender que as imagens e os sons apresentadas nos filmes não são a realidade concreta, mas, sim, a injeção de imagens que provocam os efeitos do realismo que simulam o realismo.

Assim sendo, na escola ou nos estudos sobre a questão da vida dos professores se torna imprescindível irmos a campo com estas noções básicas.

2.2.3 A escola e os professores como destaque na filmografia

Dos filmes que abordam o cotidiano escolar ou docente nem todos retratam um fato histórico (ou seja, não são baseados em fatos reais). No entanto, esses filmes, geralmente, são baseados em situações que os cineastas acreditam estar presente na escola, ou seja, muitos produzem essas películas com o propósito de apresentar a escola, os problemas, as atitudes dos professores, entre outros fatos rotineiros do meio escolar, no sentido de problematizar ou, de informar sobre as “representações sociais” que estão presentes na escola em termos de visão de homem, mundo e sociedade. Por isso os telespectadores precisam considerar a possibilidade de que nem tudo que foi apresentado é verossímil, pois se trata de um “filme”.

Moraes (2003) relata em seu estudo que os filmes norte- americanos que abordam o cenário escolar e seus agentes,

...são filmes bastante **comuns**, alguns muito **convencionais**, **cheios de “clichês” e soluções** também bastante **óbvias para os problemas tratados**. Raramente avançam por uma via radical. **Permanecem em limites suportados pelo público**. São filmes de padrão americano e nisso está toda a vantagem – o que para outros pode parecer desvantagem. **São filmes**, como dissemos, **do circuito comercial e por isso, parece-nos, representam melhor esse imaginário social**. De certa forma – e isso é nossa **hipótese** – **são condicionados pelo público bastante heterogêneo**, não especialista e que assiste a esses filmes como a qualquer outro: de ação, comédias, dramas, suspense etc.. Ora, podemos dizer que há uma solidariedade entre os elementos que compõem os filmes – categorias, conceitos, valores, expectativas, comportamentos – e os que compõem o imaginário social. **Os filmes sobre escola estão relacionados com a visão que esse público tem da escola**. E aqui adianto um ponto: mesmo nós que vivemos e refletimos sobre esse fenômeno – a educação -, **somos surpreendidos**

ao perceber como compartilhamos certos esquemas, valores, estereótipos e expectativas presentes nos filmes, com o público não especializado e, portanto, “menos crítico”. (MORAES, 2003, p.2 – o grifo é nosso)

Fabris (1998) relata que Hollywood constrói algumas representações sobre o professor, posicionando-o como vilão ou herói. Esses professores são caracterizados como alguém que se destaca por sua magnanimidade, liderança, bondade. São apresentados como modelos de virtude. Portanto, portadores de um conjunto de qualidades, de significados que...

ao pôr em circulação esses significados, **cria sentidos** e vai construindo, assim, **as representações** (significados sociais) **para a escola, o/a professor, o/a aluno, o currículo**, enfim, como nos representa de uma forma que se pretende universal e única. (FABRIS, 1998, p.94 e 95 – o grifo é nosso).

É importante destacar que os filmes, por ter como objetivo transmitir ao telespectador uma trama ou história, não se preocupa com as passagens que a carreira docente suscita, “encurtando” este processo. Porém, na carreira docente, tal como foi apresentado por Gonçalves (2009), sobre esta realidade, esse fluxo não é valorizado como algo significativo relacionado aos ciclos de vida profissional, nos levando também a ficar atentos no próximo tópico por ocasião da análise dos filmes.

Capítulo 3

OS FILMES SOBRE A VIDA DE PROFESSORES E EDUCADORES: EDUCAÇÃO, ESCOLA E DOCÊNCIA

Os filmes vistos para seleção dessa pesquisa foram: O Sorriso de Monalisa (2003); Ao mestre com carinho (1966); O clube do imperador (2002); Escola da vida (2005); Um tira no Jardim de Infância (1990); Sociedade dos Poetas Mortos (1989); Escritores da Liberdade (2007), A creche do papai (2003) e Escola de Rock (2003), sendo que os quatro últimos foram selecionados para a análise, considerando nas análises as categorias professor (formados originariamente na áreas de língua e literatura inglesa) e educador (contemplando menções relativas a pessoas que trabalham com educação, sendo considerando educadores, mas cuja origem provêm da área da alimentação e da arte).

Os filmes foram analisados, apresentando-se, inicialmente, a sua ficha técnica e um resumo e, posteriormente, as categorias de análise, como foi relatado na introdução: a escola em que o professor atua; a relação do professor com a sociedade; o sistema educativo e as características do professor, tendo como foco selecionado o discurso do professor principal, considerando a descrição de suas atitudes, comportamentos, enfim, postura, por serem reveladores de um habito.

3.1 A creche do papai

3.1.1 Ficha Técnica

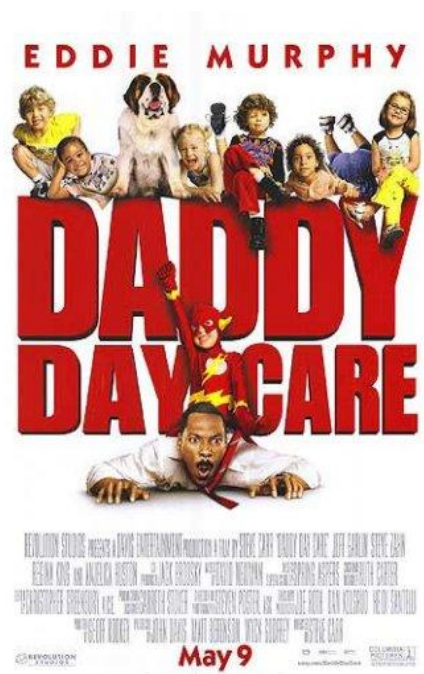


Figura 1: capa original do filme

Como ficha técnica sobre o filme foi encontrado:

Nome original: Daddy day care

Versão em português: A creche do papai

Duração: 103 min

Direção: Steve Carr

Roteiro: Geoff Rodkey

Música: David Newman

Fotografia: Steven B. Poster

Direção de arte: Chris Cornwall

Procedência: Natural

Estúdio: 20th Century Fox

Produção: Matt Berenson, John Davis e Wyck Godfrey

Gênero: Comédia

Apresentação: Legendada

Indicação: Livre

Ano: 2003

Elenco Principal:

Charlie Hinton	EDDIE MURPHY
Sra. Harridan	ANJELICA HUSTON
Becca Hailey	NOELLE JOHNSON
Kelly	LEILA ARCIERI
Jenny	LACEY CHABERT
Jamie	ELLE FANNING
Phil	JEFF GARLIN
Mãe de Jamie	BRIE HILL ARBAUGH
Sheila	LAURA KIGHTLINGER
Kim	REGINA KING
Professora de inglês	MICHELLE KRESNIC
Georgia	PARKER MCKENNA POSEY
Beth Anne.....	SLOANNE MOMSEN
Sr. Carrot	DAVID POWLEDGE
Marty	PAUL ANTHONY REYNOLDS
Bridget	MAKENZIE VEGA
Marvin	STEVE ZAHN
Mãe de Sean	SUSAN SANTIAGO

3.1.2 O filme: resumo



Figura 2: os monitores com as crianças em uma atividade

Charlie e Kim são casados e pais de Ben, um garoto de cinco anos que durante o dia fica aos cuidados da mãe.

Kim almeja voltar para o mercado de trabalho, mas sua preocupação principal é de matricular seu filho em um estabelecimento educacional onde os professores e demais agentes escolares são comprometidos com a educação. Escolhe

Ela elege a tradicional escola local Academia Champman, uma escola conhecida pelos padrões regidos e por ensinar as crianças pequenas diversas línguas e conteúdos pré-vestibulares.

Charlie trabalha em uma empresa alimentícia que fabrica diversos tipos de cereais infantis. O ramo que Charlie atua é o de cereais naturais. Seu companheiro de trabalho é Phil, que também matriculou seu filho no reconhecido colégio, considerado por ele um quartel.

Certo dia Charlie vai apresentar aos degustadores infantis o mais recente cereal natural, feito de brócolis e cenoura. Ele contrata duas pessoas para se fantasiarem de acordo com os vegetais para atrair as crianças. Porém eles detestam e jogam o alimento nos personagens.

Devido ao fracasso das vendas do cereal, Charlie e os demais indivíduos que trabalham neste setor são demitidos.

Seis semanas depois, Charlie não consegue arrumar um emprego, o que acarreta uma desestabilidade financeira, levando-o a desativar a matrícula de Ben da Academia Champman e transferi-lo para uma creche com preço acessível. Porém todas as creches da cidade são precárias e não apresentam condições mínimas de funcionamento. Diante desta situação Charlie resolve se responsabilizar pelos cuidados do filho.

Porém, com o passar do tempo, Charlie e Phil se sentem inúteis e fracassados por não estarem imersos no mercado de trabalho. A rotina de cuidar dos filhos se torna entediante para eles.

Uma destas atividades rotineiras dos pais é levar os garotos no playground do bairro, neste local eles fazem amizades com outras mães. Numa destas conversas, a mãe de uma criança sugere a criação de uma creche no bairro.

No mesmo dia Charlie adere a proposta e providencia os móveis e materiais fundamentais em uma escola de educação infantil. Kim se espanta ao chegar do trabalho e ver em sua sala os novos objetos adquiridos pelo marido;

No dia seguinte Charlie e Phil investem na divulgação do novo estabelecimento, eles distribuem folhetos da inauguração da creche para os pais.

Nos primeiros dias como educadores, Charlie e Phill se mostram atrapalhados em relação às necessidades das crianças e não conseguem o controle da turma. Porém, com o passar do tempo a creche começa a fazer sucesso.

Conforme aumenta-se o número de matrículas na creche do papai, diminui o número de alunos na Academia Champman, para ira e preocupação da diretora Harridan.

Preocupada com a concorrência e com a futura falência da Academia Champman a Sra. Harridan denuncia a creche.

O juizado de menores, representado por Pan Kubits, diversas vezes se dirige a creche do papai para fiscalizar o funcionamento da escola e averiguar se os administradores do estabelecimento estão cumprindo com todos os requisitos legais que permitem o funcionamento de uma creche.

A Srta. Harridan se incomoda durante todo o filme com o funcionamento da creche do papai e tenta diversas estratégias para romper o sucesso dos adversários. Muitas destas tentativas são fracassadas.

Mas com o aumento do número de alunos, o juizado de menores diz que a creche precisa de uma sede maior. Os funcionários saem imediatamente em busca de um novo local apropriado para o funcionamento de uma creche.

Eles encontram um local, mas não possuem dinheiro suficiente para comprar, por isso decidem realizar uma festa para arrecadar fundos para adquirir a nova sede.

A festa é atrativa para as crianças, pois tem passeio de pônei, mini-zoológico, balões coloridos, música, caricatura feita pelos alunos, pintura facial, brinquedos infláveis e uma variedade de comida.

A diretora Harridan, tem como objetivo fraudar a festa, e junto com a ajuda de uma funcionária de sua escola agem de forma prejudicial aos papais. Elas murcham os brinquedos infláveis, soltam os animais do mini-zoológico, trocam a tinta da pintura facial por cola, coloca insetos nas comidas que estavam sendo servidas e para finalizar liga o esguicho de água que rega o local. As pessoas que estavam participando da festa vão embora, para a infelicidade de Charlie que se frustra ao constatar que o dinheiro arrecadado não cobre nem metade do prédio.

Na cena após a festa, Charlie recebe uma proposta de emprego e neste momento ele recebe a vista da Sra. Harridan que o convence a desistir da creche.

Ele aceita a proposta de emprego que é mais lucrativa e fecha a creche, para tristeza de Marvin.

Charlie retoma ao emprego, porém ele não se anima e não consegue mais se habituar à rotina e acaba se demitindo.

Charlie decide reabrir a creche, mas antes é necessário recuperar os alunos que voltaram para a Academia Champman.

Ele revela que a creche esta aberta e as crianças comemoram e entram no carro.

Seis meses depois a diretora vira guarda de faixa de pedestres, e trabalha no percurso da nova creche do papai. Sua fiel funcionária aceita o emprego na creche.

Na última cena do filme, um aluno mal educado da creche do papai, ao atravessar a faixa, como prova que mudou seu comportamento, dá uma rosa para a diretora. As abelhas vão atrás da flor e a diretora fica se movendo com a placa de pare na mão, o que causa uma confusão no trânsito.

3.1.3 A escola

Trata-se de uma creche privada, que atende crianças na faixa etária de cinco anos de idade. Há na escola quatorze alunos. Os estudantes são meninos e meninas de diferentes raças.

Charlie atende os alunos em sua casa residencial, ou seja, o mesmo espaço em que mora a família é uma instituição escolar infantil.

Não há na casa uma preparação espacial para o atendimento das crianças, a escola não possui classes, banheiro adaptado para as necessidades infantis, não há uma sala da soneca. O único espaço adaptado para as crianças é o jardim da casa, em que há brinquedos.

A creche exibida no final do filme é semelhante a um playground. Toda colorida e com desenhos futuristas e do meio ambiente pintados na parede e há brinquedos por toda parte. As crianças ficam livres no espaço.

3.1.4 As relações do professor com a sociedade

Os principais relacionamentos de Charlie são com a diretora Harridan, as mães dos alunos e seus companheiros de trabalho.

Harridan age com Charlie de duas formas: antes de ele abrir a creche, momento que demonstra ser uma profissional capaz de educar Ben, e após a creche uma concorrente capaz de tudo para destruir o adversário.

Quando Charlie visita a Academia Champman, a diretora Harridan diz aos pais que:

A criança é como uma trepadeira. Com uma estrutura de apoio e um bom jardineiro ela cresce ate o céu.

A diretora faz essa descrição dos alunos com o objetivo de atrair os pais para a escola, ao dizer que a criança precisa de um bom jardineiro entende-se que na escola quem exerce esse papel é o professor.

Ao comparar o professor com um jardineiro, considera-se as idéias de Enguita (1991) que compara a docência com a proletarização. Para o autor o professor esta se tornando proletariado gradativamente, desde as primeiras escolas controladas pelo Estado, órgão responsável por ditar as regras.

Sempre que o juizado de menores visita a escola é recebido de maneira informal, os papais não demonstram respeito pela autoridade, em uma ocasião eles o recebe fantasiados e de maquiagem. E em uma situação solicitam que Pan Kubits cuide das crianças, eles não se preocupam em mostrar que a creche do papai seriedade na instituição.

Após receberem a visita do juizado de menores, Charlie e Phill vão tirar satisfação com a Srta. Harridan, autora da queixa. A diretora justifica o ato dizendo que o fez porque se preocupa com o tipo de creche que eles abriram. Charlie responde sarcasticamente que a atitude dela acelerou o credenciamento da instituição, e que veio ele só a agradecer.

Eles iniciam uma discussão.

Charlie: *“Somos pais. Já é um começo”.*

Srta. Harridan: *“Qualquer bobo podem ser pais. Se querem estragar seus filhos é um direito de vocês. Mas com os filhos dos outros os padrões são mais rígidos. Vocês são uma fraude só querem dinheiro fácil.*

Charlie: *“Você teme a competição”.*

Srta. Harridan: *“Competição? A creche do papai nunca chegará ao nível da nossa instituição”.*

Esta discussão demonstra que a diretora tem consciência de que os concorrentes não possuem preparo para exercerem esse tipo de atividade, e complementa dizendo que os funcionários da creche do papai estão vendendo diversão e ela não pode competir com isso.

Em outra conversa com a diretora, no momento em que Charlie está indeciso se aceita ou não a proposta de emprego. A Sra. Harridan diz que assume as crianças da creche e que os estudantes terão uma educação de primeira por metade do preço.

Durante um passeio ao playground, uma das mães acha genial Charlie e Phill serem pais em tempo integral, ela comenta que a Academia Champman não tem concorrentes e que eles recusam qualquer criança que não tenham certo padrão de comportamento, ela fala que se alguma pessoa abrir uma creche na região iria faturar alto. A idéia de abrir uma creche parte da necessidade de uma mãe. A concretização da abertura de uma creche ocorre por meio de uma conversa informal.

Ao matricular as crianças, as mães estranham que dois homens sejam os dirigentes de uma creche, pois rotula-se que esse papel é desenvolvido por mulheres, retomando o aspecto da feminização da profissão docente.

Os professores se esforçam para mostrar para os pais que estão exercendo um bom trabalho com as crianças.

Em uma cena, Charlie e Phill estão em um clube, e lá encontram um antigo companheiro da firma em que trabalhavam. Este rapaz ridiculariza a atual profissão deles, dizendo ironicamente que agora eles estão limpando meleva para ganhar a vida, nesse momento o filho dele chega e cumprimenta seus monitores. Charlie responde dizendo que o antigo colega está pagando ele para fazer isso.

A relação entre os alunos e os educadores no começo do filme é ruim, pois os pais desconhecem das necessidades das crianças e não tem o controle sobre elas, que por sua vez não atendem as solicitações dos responsáveis pela creche.

Com o passar do tempo, Charlie demonstra relacionar-se melhor com as crianças, ele fala delas com a esposa de maneira entusiasmada e admite que “estes pestinhas” o conquistaram.

Os monitores participam das atividades, semelhante do modo que as crianças participam, e em diversas cenas os alunos se divertem com as atitudes e atrapalhadas deles. Não há uma relação de hierarquia entre os educadores e os educandos.

No ambiente familiar, Charlie vive com a esposa e o filho.

No início, Kim não aprova a ideia de Charlie de abrir uma creche, ela diz que é muita responsabilidade. E no primeiro dia de funcionamento da creche ao chegar do trabalho a esposa de Charlie fica horrorizada com a bagunça que a casa dela se encontra.

Ben, filho de Charlie, nos primeiros dias de funcionamento da Creche do papai se mostra triste, pois ele tem que dividir a atenção do pai e seus brinquedos com as demais crianças.

Com o passar do tempo, Ben se acostuma com a creche, e passa a ter uma ligação com o pai maior do que com a mãe, pois é a figura paterna que fica o dia todo com ele enquanto a mãe trabalha. Essa relação próxima entre pai e filho, causa um leve ciúme em Kim.

3.1.5 A educação

No início da creche, os monitores não sabiam lidar com as crianças.

Um garotinho chorava para entrar na escola é como método para fazer o menino parar de chorar, Phill fazia uma chantagem: ele dava um dólar para a criança e ela parava de chorar.

Uma das atividades atrativa para os alunos é a música, Phill se veste de vários personagens e toca no violão diversas músicas, as crianças gostam e imitam Phill.

No primeiro dia da creche, Charlie e Phill servem para as crianças como almoço diversos tipos de doces e alimentos que não são consideráveis saudáveis, o que provoca a agitação das crianças.

Há uma grande falta de controle dos monitores, as crianças não obedecem, destroem a casa e um aluno chega a beber detergente. Esses acontecimentos evidenciam a falta de preparo dos funcionários para lidar com alunos da educação infantil.

Charlie diz para Phill que os métodos que estão utilizando com as crianças não estão tendo resultado, por isso precisam aprimorar a estrutura e executar atividades planejadas, Phill mostrando-se um leigo em educação diz que precisam de sedativos e coleiras.

Por meio do discurso de Charlie sobre as práticas ineficazes desenvolvidas, ou seja, ele refletiu sobre a sua prática. Apesar de não ser um professor formado academicamente, pode se dizer que ele se apropriou do saber experiencial, uma vez que...

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimento ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. (NÓVOA, 1994, p.03)

Nas cenas seguintes, percebe-se que os educadores propõem atividades que contribuem para o desenvolvimento dos alunos.

Os monitores brincam com as crianças no jardim da casa e elaboram atividades recreativas.

Uma das funções de um profissional da educação infantil é estimular a autonomia da criança, porém os professores se mostram despreparados ao lidar com Max, uma criança que está aprendendo a usar o banheiro. Charlie ao levá-lo ao banheiro não o orienta e deixa ele ir sozinho, que não consegue fazer as necessidades no vaso sanitário.

Os monitores utilizam como método de entretenimento dos alunos, o teatro. Charlie se fantasia de brócolis e Phill de cenoura, eles simulam uma briga e as crianças se divertem.

Em uma atividade, os monitores reúnem as crianças e questionam eles perguntando o que eles querem da creche do papai. As crianças dizem que gostariam de aprender mais, que a mente delas precisam ser alimentadas. Bem, o filho de Charlie diz que gostaria de fazer mais desenhos. Apesar de os educadores realizarem esse momento de investigação com as crianças, o filme não apresenta a execução dessas atividades.

As atividades que o filme apresenta são: uma em que os funcionários da creche levam os alunos em um parque aquático, onde as crianças se divertem o tempo todo e a outra é o dia do animal doméstico, em que os alunos levam seus animais para a escola e explicam as características e hábitos deles.

Os educadores realizam leituras de forma dinâmica e fazem teatro de fantoche para as crianças.

Os educadores adotam, nesta perspectiva, o “modelo da educação como livre desenvolvimento”, na qual a criança descobre o mundo por si mesma e elabora suas idéias dos valores, normas sociais e morais, sem a intervenção dos adultos. (ESTEVES, 2004)

No final do filme, Charlie percebe que as crianças evoluíram, um garoto mal educado passou a se comportar de maneira comportada, uma aluna aprendeu a ler e Max aprendeu a ir ao banheiro. Houve um desenvolvimento dos alunos, porém o filme não apresenta as passagens desse desenvolvimento, comprovando o modelo de ensino citado acima.

3.1.6 Ser Educador

Charlie ao visitar a Academia Champman pela primeira vez não entende o motivo de se dar tanta importância a uma reunião de escola, ele diz que nessa fase a única coisa que as crianças fazem na escola é brincar de montar. Nota-se que ele desconsidera a importância da educação infantil no desenvolvimento do aluno.

Charlie tenta convencer sua esposa Kim que ele vai ser cuidadoso com os alunos como é com seu filho Bem. Ele não leva em conta que para educar uma criança não é necessário apenas ter cuidado.

Charlie e Phil distribuem folhetos divulgando a inauguração da creche, em que está escrito:

Pais carinhosos e experientes oferecem creche excepcional a preços acessíveis.

É interessante ressaltar que eles buscam atrair alunos por causa do preço e divulgam sua imagem como pais carinhosos e experientes e não como educadores.

Os pais fazem a matrícula das crianças na frente da casa e em uma banca de limonada, em um momento ele se refere aos alunos como se fossem clientes. Através desse episódio averigua-se que a intenção deles é de atrair clientes com o objetivo de lucrar e não de desenvolver um projeto pedagógico que resulte no desenvolvimento dos alunos.

Ao inaugurar a creche, Charlie e Phill se apresentam como monitores. Charlie além de exercer as atividades com os alunos é o responsável pela administração da instituição.

Em uma conversa entre Charlie e Phill sobre a falta de controle que eles têm das crianças, Phill diz que pensava que abrir uma creche e cuidar de crianças seria uma tarefa fácil, mas que viu que é muito complicado. Charlie concorda com Phill e diz que esta tendo dificuldade em exercer essa profissão.

Certo dia, uma mãe vai buscar o filho na escola e diz que eles são bons profissionais, como resposta Charlie diz:

O que esperavam? Seus filhos estavam com profissionais.

Através dessa fala constata-se que mesmo sendo consciente que não possui formação específica na área educacional, Charlie se considera um ótimo profissional.

O filme apresenta uma situação em que as crianças estão dispersas e destruindo a casa de Charlie, Phill preocupado com a situação comenta que a situação fugiu do controle. Charlie tentando acalmar o amigo se refere aos alunos:

Sem pânico. São animais, farejam o medo.

Ele diz isso para justificar o comportamento das crianças.

Charlie, ao perceber que os métodos utilizados não está tendo resultados positivos nas atividades, reflete sobre sua prática e resolve aprimorá-la.

Em outro diálogo entre os administradores da creche, Phill diz:

Não sabemos nada de creche, nem bons pais somos.

Charlie discorda e complementa dizendo que é um bom pai. Apesar de terem consciência de que não entendem sobre creche, através do discurso de Charlie observa-se que para ele ser um bom pai (ou simplesmente um pai) basta para poder conduzir uma creche.

Em uma das visitas de Pan Kubits, ele averigua que o número de crianças que frequentam a creche excede de cinco por monitor. Charlie aproveitando que seu colega Marvin estava cuidando das crianças mente dizendo que ele é o novo monitor e que foi aprovado em um processo seletivo. Phill concorda com Charlie e diz:

Cuidado nunca é demais com as crianças.

Charlie acrescenta dizendo:

E na creche do papai só admitimos os melhores, como Marvin.

Os monitores contratam Marvin por acreditarem que ele é bom pelo fato de saber lidar com as crianças, mas não questionam sobre sua formação educacional.

Durante a contratação do novo monitor, Marvin estranha executar essa profissão e diz:

Mas não sou pai.

Charlie tentando convencer Marvin dizendo:

Não precisa ser. É um humanóide macho. Basta, segundo a nossa filosofia.

Novamente destaca para a falta de comprometimento com a educação, uma vez que na filosofia da creche o fator principal é ser homem.

Marvin não se preocupa pelo fato de trabalhar na creche mesmo não sendo um profissional capacitado para atuar nesse ramo, mas pelo fato de não ser pai. Ele aceita o emprego, mas diz que apesar de gostar de crianças e de brincar com elas, este não é o caminho profissional que tem em mente.

Em uma ocasião uma mãe de aluno, ao buscá-lo na creche conhece Marvin, e pergunta se ele é o novo papai. Evidenciando que as mães vêem os funcionários da creche como papais e não como educadores.

A discussão que teve com a diretora, fez Charlie refletir sobre o critério de educação que eles têm, e diz a Phill que ela estava com a razão, em uma creche não basta cuidar de crianças, é necessário estimular a mente delas. No entanto, nas cenas seguintes não percebe-se que eles exercem atividades que estimulam a mente dos alunos. A fala do administrador da creche é apenas um discurso, uma vez que ele não aplica na prática educacional.

Ben, em uma conversa com Charlie, pergunta ao pai se ele sente falta de ter um emprego de verdade. Através desse discurso é possível entender que a profissão docente não é realmente um emprego, desvalorizando a carreira docente.

Antes de voltar ao emprego, Charlie comunica a Marvin que vai fechar a creche, justificando que chegaram ao limite desse negócio. Marvin se preocupa com as crianças, mas Charlie justifica que eles estavam bem antes da creche e que vão continuar bem depois dela, evidenciando que a intenção principal de Charlie é a obtenção de lucro, apontando para a despreocupação com as crianças e com a educação.

Após se demitir do emprego, Charlie resolve ir Academia Champman recuperar as crianças, chegando lá a diretora estava apresentando a escola para alguns pais e fazendo seu discurso em que compara a criança como uma trepadeira. Charlie interrompe a diretora e diz:

Não falamos de plantas, falamos de crianças, não deixem essa mulher podar seus filhinhos. Não se deve tratar crianças como adultos e na academia as crianças vão ficar deprimidas em quatro idiomas. Em quantas línguas você ouvi as crianças?

Harridon: Crianças não sabem o que querem.

Charlie: Sabem sim. Todas elas. E são todas diferentes convivemos com elas para conhecê-las melhor.

Após proferir sua opinião, finaliza dizendo:

Qualquer idiota pode ter uma creche. Mas só uma família pode educar crianças e nós somos uma família.

Charlie, ao abrir uma creche em sua residência, objetiva lucrar como “o negócio”, portanto ele assume o papel de um “animador” (FERNADES, 1999).

Este paradigma se baseia em duas vertentes. Uma em que o objetivo da ação docente é a transformação do estabelecimento numa comunidade educativa, através do desenvolvimento

de laços cooperativistas, e a outra em que o animador é semelhante a um diretor de empresa, a quem cabe esforçar-se por tornar a escola numa instituição competitiva. (FERNADES, 1999).

3.1.7 Perspectivas com relação à docência no perfil do educador

A creche do papai é uma comédia, portanto os elementos apresentados são fictícios, e a intenção principal deste filme é causar o riso dos telespectadores.

Charlie se sente mal por não estar no mercado de trabalho, e decide abrir uma creche, pois pode conciliar os cuidados com o filho e um emprego rentável.

No decorrer do filme, Charlie e Phill percebem que o exercício da docência não é uma tarefa simples, já que eles imaginavam que conseguiram o controle dos alunos.

As cenas em que há o envolvimento dos monitores com as crianças são as mais cômicas do filme, como eles não estão preparados formalmente para trabalhar com os pequenos, não conseguem uma organização do espaço escolar.

A intenção principal dos educadores é a obtenção de lucro através da docência, não se importando em fornecer uma educação de qualidade visando a alcançar o desenvolvimento dos alunos.

Para eles, a questão fundamental é serem pais cuidados, e não profissionais capacitados para atuar na área educacional.

Porém, assim que conhece a realidade docente e passam a se envolver com os alunos não se habitua ao antigo emprego e terminam o filme administrando uma creche maior.



Figura 3: os educadores matriculando os alunos

3.2 Escola de Rock

3.2.1 Ficha técnica



Figura 4: capa original do filme Escola de Rock

Como ficha técnica sobre o filme foi encontrado:

Ficha técnica

Nome original: School of Rock

Versão em português: Escola de rock

Duração: 108 min

Direção: Richard Linklater

Roteiro: Mike White

Música: Craig Wedren

Fotografia: Rogier Stoffers

Direção de arte: Adam Scher

Procedência: Natural

Estúdio: Paramount Pictures

Produção: Scott Rudin

Gênero: Comédia

Apresentação: Legendada

Indicação: Livre

Ano: 2003

Elenco Principal

Dewey Finn	JACK BLACK
Ned Schneebly	MIKE WHITE
Rosalie Mullins	JOAN CUSACK
Patty Di Marco	SARA SILVERMAN
Zack	JOEY GAYDOSJR.
Summer Hathaway	MIRANDA COSGROVE
Freddy Jones	KEVIN ALEXANDER CLARCK
Lawrence	ROBERT TSAI
Tomika	MARYAM HASSAM
Katie	REBECCA BROWN
Marta	CAITLIN HALE
Alicia	ALEISHA ALLEN
Billy	BRIAN FALDUTO
Gordon	ZACHARY INFANTE
Marco	JAMES HOSEY
Frankie	ANGELO MASSAGLI

3.2.2 O filme: resumo

Dewey Finn é um guitarrista de uma banda de Rock, ele adora esse gênero musical e acha que é um excelente músico. Ele tem o costume de se jogar em cima do público (mas as pessoas não o seguram e ele acaba caído no chão e perdendo a consciência), fazer solos de 20 minutos e está determinado a dar a vitória ao seu grupo de rock na Batalha de Bandas local, com o objetivo de lucrar com a música.

Dewey divide o apartamento com um antigo parceiro de Rock, Ned e sua esposa Patty, que cobram de Dewey um emprego.

Em uma conversa Patty diz a Dewey que ele é o único que não contribui com as despesas do apartamento, é exemplifica dizendo que ela é assistente do prefeito e Ned professor substituto.

Cansado de ser cobrado pelo amigo e sua esposa, Dewey em um ensaio com os membros de sua banda diz que eles precisam ensaiar bastante, pois precisa vencer o concurso e ganhar o prêmio. Nesta ocasião os demais integrantes relatam a Dewey que ele foi expulso da banda e outro guitarrista entrou em seu lugar. Arrasado e precisando de dinheiro para pagar o aluguel, Dewey resolve vender sua guitarra. Nesse momento o telefone toca. Do outro lado da linha está Rosalie Mullins, diretora do Colegio Horace Green.

Dewey atende ao telefone, a Sra. Mullins diz que gostaria de convidar o Sr. Ned Scheneebly para trabalhar algumas semanas como professor substituto com um salário de US\$ 650 por semana e das 08:15 h às 03:00 h. Dewey fica surpreso com o salário, fingi ser Ned e aceita o emprego.

No dia seguinte Dewey vai ao emprego, conversa com a diretora e é apresentado por ela aos alunos. Ela orienta Dewey a escrever o nome dele na lousa, porém ele tem dúvida de como escreve o sobrenome de Ned (Scheneebly) e solicita que as crianças o chamem de Mrs. S.

Dewey, nos primeiros dias de substituição se mostra desinteressado e perdido em relação à transmissão do conhecimento, ele diz à turma que terão intervalos o tempo todo.

Certo dia, Dewey ouve acidentalmente os seus alunos tocando em uma aula de música clássica, nesse momento ele tem a idéia de montar com os educandos uma banda de Rock para competir na Batalha de Bandas.

O professor testa as habilidades dos alunos nos instrumentos de rock e distribui a cada educando, uma função na banda. O educador, ao iniciar os ensaios percebe que os alunos não entendem nada de Rock e passa a ensiná-los conteúdos relacionados a esse gênero musical.

Dewey deseja realizar com os alunos um passeio em uma galeria de Rock e inscrever a banda Escola de Rock, porém é barrado pela direção, mas decidi “fugir” com os integrantes da banda. Ele arma um plano com os demais alunos, que elaboram um vídeo com o professor dando aula, enganando a direção e acobertando o professor e os demais alunos que saíram escondidos.

O professor chega com a turma atrasado na audição das bandas, e é impedido de se apresentar com a banda, ele tenta diversos argumentos com os organizadores, mas não convence. As crianças ficam decepcionadas, nesse momento uma aluna tem a ideia de

inventar para aos auditores de que eles são doentes terminais, a tática dá certo e o professor convence os auditores a permitirem a participação da banda.

Durante uma aula de rock, a diretora escuta o som vindo da sala da turma de Dewey, os alunos percebem que a diretora está se dirigindo à sala e escondem os instrumentos, quando ela entra o professor finge estar ensinando matemática. E quando a diretora questiona sobre o som da música ele diz que desconhece, porém ela vê a guitarra que os alunos esqueceram de esconder e pergunta qual o motivo da presença daquele instrumento, o professor diz que é uma metodologia de ensino, e que é muito útil a presença da música no aprendizado de matérias “chatas” como a matemática.

O professor se dedica ao aprendizado do rock, e arrisca diversas estratégias com a direção, inclusive a de sair com a diretora para convencer ela dos benefícios do aprendizado que aulas extraclasse proporcionam aos alunos.

Dewey é convidado pela diretora para acompanhá-la na noite do Dia dos Pais na escola, ele aceita. Porém quando está se arrumando para sair, seu amigo Ned recebe uma correspondência com um cheque da escola Horace Green. Ned estranha, pois nunca trabalhou nesta escola e resolve ligar lá para falar do engano. Em meio esta ocasião Dewey revela a verdade à Ned que fica espantado com a atitude do amigo, ele também pede desculpas por tê-lo enganado e diz pra ele não contar pra Patty.

No Dia dos Pais na escola, Dewey, muito nervoso, conta que ele não é um professor. A Srta. Mullins não acredita na história, e acha que ele está mentindo por conta do nervosismo.

Durante a reunião, o professor mente para os pais que está transmitindo todas as disciplinas do currículo escolar, porém os alunos acabam revelando a eles que estão desenvolvendo um projeto de rock, chamado “Escola de Rock”. Os pais desconfiam da importância desse projeto no desenvolvimento escolar dos alunos, porém ficam orgulhosos quando o suposto professor elogia as aptidões de cada criança.

Ned conta a companheira Patty sobre a farsa de Dewey, e ela resolve chamar a polícia. Os policiais interrompem a reunião e desmascara Dewey, e os pais ficam horrorizados e escandalizados. Dewey sai correndo com os instrumentos musicais na mão pelo corredor da escola e os pais atrás dele.

No dia seguinte, dia da Batalhas da Banda, enquanto os pais pressionam a direção pela contratação de um professor que não era habilitado para exercer essa profissão, os alunos, que estavam sozinhos na sala de aula, buscam uma estratégia de fugir e ir se apresentarem. Eles

saem da escola e vão buscar Dewey na casa dele. Quando os pais e a diretora percebem que as crianças sumiram, todos ficam desesperados.

A apresentação é um sucesso, e os pais e a diretora ficam orgulhosos das crianças. Porém uma outra banda, formada por rapazes bonitos vence o concurso, Dewey desconsolado diz as crianças que a banda vencedora ganhou por beleza e não por música. Os alunos percebendo a frustração do professor o consolam dizendo que fazer rock não é ganhar dez e que o show foi incrível. A prova do sucesso é o pedido do público para a banda cantar novamente. Dessa vez, quando Dewey se joga na platéia todos o seguram.

No final, o professor abre uma escola musical de rock que os alunos do Colégio Horace Green frequentam e seu amigo Ned também passa a ensinar esse estilo musical para as crianças principiantes.

3.2.3 A escola

A escola em que se passa a história é um conceituoso colégio privado.

O espaço da instituição escolar é constituído por um prédio grande e alto. Visualiza-se na parte frontal do prédio os tijolos, duas torres, um relógio e um jardim onde os pais e professores estacionam os carros.

A construção da escola parece um prédio antigo, semelhante aos antigos internatos religiosos. Em um primeiro olhar sobre a construção é possível perceber que trata-se de um estabelecimento tradicional. Comprova-se isto em uma fala da diretora para Dewey em seu primeiro dia de trabalho, pois ela descreve a escola como a melhor do Estado e que este mérito foi alcançado devido a um código de disciplina que se estende ao corpo docente.

A escola tem um enorme corredor em que se encontram as classes. Esse corredor é iluminado, as paredes são compostas por duas partes: na parte superior é branca e na parte inferior é feita de madeira.

As classes são espaçosas e arejadas, há alguns cartazes pendurados nas paredes. As carteiras estão enfileiradas e na frente encontra-se a mesa do professor, que tem um globo do mundo e alguns papéis. Há também a lousa e um relógio de parede.

No refeitório da escola, as mesas são redondas e estão dispostas pelo salão de forma organizada, na parte da frente se encontra a mesa de alimentos, os alunos formam filas e vão passando pegando a comida e nas mesas sentam-se em grupos. O ambiente das refeições é

composto por uma construção de madeira e as paredes possuem um detalhe em branco na parte inferior.

A turma é formada por meninos e meninas de dez anos de idade, é uma classe heterogênea, com crianças de diversas raças (brancos, negros, japoneses), que vão à escola uniformizados.

3.2.4 As relações do professor com a sociedade

As principais relações que Dewey tem no filme são com: a direção da escola, os demais professores que trabalham na mesma instituição, os alunos, os pais e os amigos. Estas relações que ocorrem de diversas formas no filme. Como exemplificado abaixo:

A diretora contrata Dewey pelo telefone, achando estar contratando Ned, no dia em que se apresenta a diretora Dewey mostra o diploma do amigo, a diretora não solicita a Dewey nenhum documento que comprove que ele seja realmente Ned.

No primeiro dia como professor, Dewey se mostra descompromissado com a educação e pede para sair mais cedo, a diretora repreende a atitude dele e transmite todas as regras da escola.

Percebendo o rigor da escola, Dewey diz que é “durão” e complementa dizendo que se algum aluno sair da linha não se importa de dar algumas palmadas. A diretora explica que castigos físicos não são permitidos, e que se ele tiver algum problema com os alunos e pra encaminhar pra ela. Através dessa fala percebe-se a autoridade da diretora e a submissão do professor que diz ser rígido para atender as expectativas de sua superiora. Durante diversas cenas do filme, Dewey se politiza em dizer frases que agradem a diretora.

O professor é barrado pela diretora quando sugere a realização de excursões, pois segundo ela substitutos são proibidos de realizarem esse tipo de atividade, acreditando que é uma atividade complicada e que gera problemas com a segurança. Porém em um momento o professor dribla as proibições da direção e faz uma excursão com alguns alunos em seu próprio carro.

Em um momento do filme, Dewey durante uma conversa com a diretora, com a intenção de elogiar o projeto da escola diz que a escola Horace Green é a melhor em que ele já trabalhou. Devido a disciplina, e que nas outras instituições escolares os alunos se divertiam o tempo todo, que era uma anarquia.

O professor faz elogios a escola e sua administração com o intuito de obter a permissão da diretora na realização de excursões. Nesse momento a diretora desabafa com Dewey, dizendo que se sente pressionada pelos pais, ela diz que antes de ser diretora era divertida, mais a partir do momento que passou a ocupar esse cargo se tornou séria e que se sentia uma “vaca” por isso.

Durante o encontro Dewey coloca uma música de rock que a diretora gosta e pede um chope com o objetivo de fazer com que ela permita a realização de passeios. Ao ouvir a música ela canta e até se movimenta na cadeira, conversando animadamente com Dewey. Mas a partir do momento que ele estaciona o carro, ela volta a assumir uma postura séria. Nota-se que a diretora dentro da escola não demonstra a ninguém seus sentimentos, pois tem que preservar sua imagem de superior.

A Srta. Mullins critica as aulas de Dewey e barra as atividades fora da escola, mas se sente orgulhosa quando os alunos se apresentam brilhantemente.

Em uma cena na sala dos professores, os educadores discutem sobre o sistema de avaliação que atribui notas aos alunos, todos olham Dewey com desconfiança, pois ele opina dizendo que não acredita em notas.

Os demais professores estão acostumados a reproduzir determinados padrões de ensino e avaliação e suspeitam que possam haver outros métodos de avaliar os alunos que não seja ser atribuir a eles um juízo de valor, eles não acreditam que um educador possa avaliar com métodos diferentes.

Na cena em que Dewey está no refeitório com os demais professores da escola, um aluno que estava passando por lá, se dirige ao professor roqueiro e elogia a sua aula. O professor fica lisonjeado pelo fato do aluno falar bem dele na presença de outros educadores.

Os indivíduos que pertencem a um mesmo grupo de atuação se sentem glorificados de serem venerados diante a equipe.

Nos primeiros dias como professor, Dewey não age como autoridade com os alunos e deixa eles fazerem o que quiserem.

Na cena em que a aluna relata a rotina da classe, Dewey se irrita e diz em voz alta aos alunos que a partir daquele momento ele manda na classe. Com essa fala ele deixa claro que ele é a autoridade em relação aos alunos.

Em outro dia com o professor substituto, uma aluna cobra do professor os conteúdos disciplinares, uma vez que os pais delas pagam US\$ 15000 para a escola por ano com o objetivo de que ela receba o conteúdo. Ou seja, através dessa fala nota-se que a aluna recebeu

essa informação dos pais, e como eles pagam a escola ela tem direito de cobrar o professor, uma vez que o salário dele vem das mensalidades pagas pelos pais.

No início da formação da banda, o professor pede sigilo aos alunos, pois sabe que se os pais e/ou a diretora ficar sabendo que ele usa o tempo escolar ensinando rock aos alunos, ele perdera o emprego. Criando com os alunos um vínculo de parceria.

O professor procura sempre elogiar e incentivar os alunos, com o objetivo de alcançar o desenvolvimento pessoal deles.

Durante a excursão (que o professor realizou sem o consentimento da direção) um aluno sai de perto do grupo, o professor fica desesperado quando percebe a ausência do menino e sai à procura dele. Quando o encontra faz uma ameaça dizendo que se ele tiver outra atitude como essa irá mandar um bilhete para os pais dele.

Novamente o professor demonstra a autoridade dele, e que se alguém desrespeitar as regras sofrera consequências, o professor ameaça os alunos.

Dewey se comove com a atitude dos alunos quando eles vão buscá-lo para a apresentação, ele reconhece o erro e pede desculpa por ter mentido para eles.

Percebe-se que durante filme a relação de Dewey com os alunos de modifica/desenvolve, pois ele age com descaso, admiração, imposição, preocupação, apoio e incentivo, afetividade ele também se redime por sua mentira.

Em uma cena, um pai de aluno vai levar o filho da escola e o repreende de tocar rock. Ele percebe que não irá ter o apoio dos pais, que também estão acostumados com os modelos tradicionais de ensino.

Os pais dos alunos repreendem Dewey no Dia dos Pais na Escola, e reforçam que os alunos não frequentam o colégio para apreciar a música, mas sim para aprender disciplinas curriculares.

Os pais pagam a escola para os alunos aprender, o professor é como se fosse um empregado dos pais, esse profissional recebe para educar as crianças de acordo com padrões que os pais desejam.

Quando Dewey é desmascarado e volta pra casa, ele discute com Patty por ela ter chamado a polícia, Ned interfere na discussão e diz a Dewey que chegou o momento dele mudar, e que fracassaram na vida em relação ao rock.

Dewey e Ned são amigos de muitos anos, porém Dewey é desleal com Ned por ter aceitado um emprego que fora proposto ao amigo, e Ned trai a confiança de Dewey quando conta à companheira que o amigo fingiu ser ele para ocupar um cargo profissional.

3.2.5 A educação

Dewey em seu primeiro dia como professor refere-se aos conteúdos escolares como uma chatice. Ele entra na escola sem saber o que ensinar e como transmitir esse conhecimento.

Em uma cena, uma aluna explica a Dewey a rotina da classe, e como a professora efetiva trabalha com eles. A menina diz que há um quadro de estrelas que fica exposto na classe e que quando um aluno aprende, ele ganha uma estrela. O professor se dirige ao quadro e o rasga, dizendo que não gosta de notas, ele questiona:

Que tipo de escola é essa?

A turma fica espantada, pois estão acostumados a serem submetidos ao ensino tradicional.

Através dessa questão percebe-se que apesar de ser um leigo em educação ele critica os modelos atuais de ensino.

Quando percebe que os alunos são leigos em relação ao Rock, Dewey passa a ministrar matérias que envolva esse assunto. Ele divide a aula em dois momentos: a teórica em que ele ministra duas disciplinas: História do Rock e Teoria Crítica do Rock. E a prática em que os alunos ensaiam para o concurso. Para o professor essas disciplinas são fundamentais e que as outras (como a matemática e ciências) não são importantes.

O professor utiliza as excursões e passeios como metodologia de ensino, pois segundo ele, os alunos aprendem mais fora da sala de aula.

O docente utiliza a música como metodologia de ensino, na cena em que a diretora entra na classe e descobre a guitarra o professor diz que os alunos estavam cantando e aprendendo, ele mostra o método para diretora cantando uma música que fala da matemática e durante a canção vai fazendo questões aos alunos que respondem. A diretora não concorda com esse método de ensino e diz para Dewey seguir o Programa Escolar.

Percebe-se que o professor ensina apenas disciplinas que possuem uma ligação com o rock. Os alunos participam e se envolvem com os conteúdos, porque o professor transmite um saber que ele realmente gosta e conhece.

Embora o professor não seja licenciado ele transmite aos seus alunos o seu saber, ou seja, ela faz com que os seus alunos aprendam e se interessem pelo rock e suas dimensões. Sobre este aspecto Nóvoa (1994) diz que:

É preciso investir positivamente os saberes que o professor é portador, trabalhando-os de um as de um ponto de vista teórico e conceptual.(NÓVOA, 1994, p.05)

Esse enfoque é marcante no filme, mas sabemos que nenhuma escola pode ter como disciplina curricular a matéria que o professor se identifique. Dewey utiliza a educação como intuição, modelo que foca a memória como um compromisso de educar. O professor inicia os alunos na descoberta de uma matéria, do sentido de um valor ou da importância de um traço. No caso de Dewey, os alunos são iniciados em um gênero musical, no caso o rock. (ESTEVEES, 2004)

3.2.6 O ser Educador

Antes de se tornar um professor substituto, Dewey comenta com seu amigo Ned, que exercia essa função, que ser professor é como uma babá e que esse cargo não contribui com a sociedade. Desvalorizando a profissão docente.

No início da docência Dewey diz que é um professor “durão” e associa-se este modo de ser com palmadas. Isto é um discurso dele perante a presença da diretora, uma vez que sua prática é totalmente oposta.

Após apresentar Dewey para a turma, a diretora diz que se ele precisar de alguma coisa e para chamá-la, como resposta ele diz:

Sou um professor. Só preciso de jovens mentes para moldar.

Percebe-se através dessa fala que o professor não está preocupado com os pensamentos, idéias e vontades dos alunos e que a função dele é moldar as mentes das crianças de acordo com os interesses da escola, ou seja do sistema.

Nos primeiros dias exercendo a profissão docente, Dewey age com os alunos de maneira despojada e não se mostra interessado em ensiná-los, comprovando sua despreocupação com a educação.

Por não ter tido uma formação educacional e nem experiências na área da educação ele não reconhece a importância do educador na vida acadêmica dos alunos.

No momento em que percebe que os alunos têm talento, e que montar uma banda com eles pode ser possível, o professor substituto muda seu discurso e diz que gosta de notas e avaliações, e que os alunos que mostrarem dedicação a banda receberão as maiores notas.

Ao distribuir as funções de cada aluno na banda, o professor explica aos alunos a importância de cada um, valorizando todos.

O professor principal do filme dá autonomia aos alunos, pois eles participam ativamente do projeto Banda de Rock. Os alunos que escolheram o nome da banda (Escola de Rock), eles que compuseram a canção (que critica o sistema educacional) e eles foram os responsáveis de cada detalhe (figurino, iluminação e efeitos especiais).

O professor age como um mediador do projeto, incentivando os alunos sugerindo idéias. Desta forma ele ensina os alunos a gostarem do Rock, e estes por sua vez, passam aumentar a dedicação com o objetivo de alcançarem o sucesso do projeto e da banda.

Em um discurso de Dewey para os demais professores no refeitório ele diz:

Eu quase entrei para a Filarmônica Polonesa. Fui bem na audição, mas não consegui o lugar. Adivinhem quem conseguiu. Um parente do yo-yo ma. Foi nepotismo por isso, eu desisti de tudo e me tornei um professor, já que quem não sabe fazer, ensina. E aqueles que não sabem ensinar, ensinam ginástica.

Através desta fala, percebe-se que Dewey optou por ser professor porque fracassou na profissão que gostaria de ter seguido, e aderiu ao exercício da docência por não ter encontrado outra alternativa.

Nos momentos finais do filme, em que os pais descobrem que Dewey não é um professor, ele diz na frente de todos.

Meu nome é Dewey Finn. Eu não sou um professor licenciado, mas seus filhos mexeram comigo. E tenho certeza que eu mexi com eles.

Ou seja, apesar de não ser formado na área da educação, ele possui com os alunos um vínculo.

O filme nos transmite a idéia de que a formação não é principal condição para o exercício docente, basta ter boa intenção em conviver com as crianças.

Esteve (2004) propõe o modelo da educação como iniciação, com a intenção de solucionar o problema de educações baseadas na imposição dos valores pelos adultos e nas limitações do modelo não intervencionista do livre desenvolvimento. Segundo este modelo, os educadores tem o dever de iniciar os alunos nos valores, experienciais, pessoais e coletivos,

atitudes e conhecimentos que consideram valiosos e importantes. Contudo eles devem ser iniciados nos alunos e não impostos (ESTEVE, 2004 *apud* PETERS).

A respeito desse conhecimento o autor assinala também que:

... uma pessoa pode iniciar outra na descoberta da música a partir de seus próprios gostos ou de seus ponto de vistas pessoais. Alguns anos mais tarde, o discípulo pode abandonar esses gostos e concepções e descobrir outros. (ESTEVE, 2004, p.111)

Neste contexto, Dewey iniciou seus alunos a gostarem de rock.

3.2.7 Perspectivas com relação à docência no perfil do educador

A escola de Rock é uma comédia, portanto, as cenas apresentadas divertem os telespectadores.

Dewey encontra na docência uma oportunidade de ganhar dinheiro e de realizar seu sonho, o sucesso musical. No princípio do exercício profissional ele age de forma descompromissada, já que o principal objetivo dele é a obtenção do salário. Mas a partir do momento que descobre o talento dos alunos inicia um trabalho sério com eles

Durante as aulas de rock, Dewey desenvolve com os alunos uma boa convivência que propicia o sucesso do aprendizado do rock.

No final do filme, Dewey continua exercendo a profissão docente, mas em uma escola de rock. Portanto, ele concilia a docência com a música, se realizando profissionalmente.



Figura 5: Dewey ensinando rock para os membros da banda

3.3 Sociedade dos poetas mortos

3.3.1 Ficha técnica

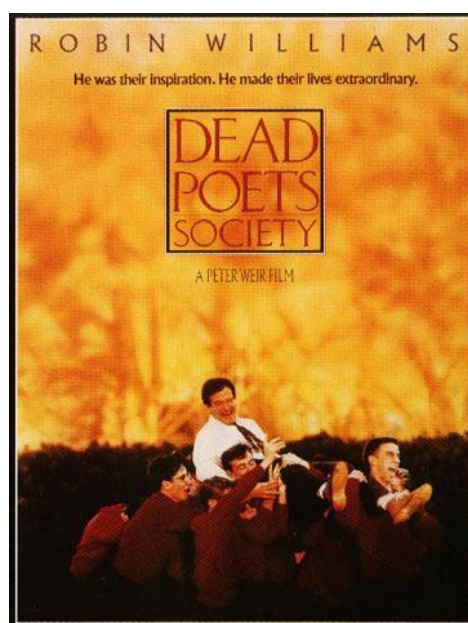


Figura 6: capa original do filme Sociedade dos Poetas Mortos

Título original: Dead Poets Society

Título em português: Sociedade dos poetas mortos

Gênero: Drama

Duração: 129 min

Ano de lançamento: 1989

Estúdio: Touchstone Pictures

Direção: Peter Weir

Roteiro: Tom Schulman

Produção: Steven Haft, Paul Junger Witt e Tony Thomas

Música: Maurice Jarre

Fotografia: John Seale

Direção de arte: Sandy Veneziano

Figurino: Marilyn Matthews

Edição: William M. Anderson e Lee Smith

Elenco Principal

John Keating	ROBIN WILLIAMS
Neil Perry	ROBERT SEAN LEONARD
Todd Anderson	ETHAN HAWKE
Knox Overstreet	JOSH CHARLES
Charles Dalton	GALE HANSEN
Richard Cameron	DYLAN KUSSMAN
Steven Meeks	ALLELON RUGGIERO
Sr. Perry	KURTWOOD SMITH
Gerald Pitts	JAMES WATERSTON
Sr. Nolan	NORMAN LLOYD
Sra. Perry	CARLA BELVER
McAllister	LEON POWNALL
Dr. Hager	GEORGE MARTIN
Professor de Química	JOE AUFIERY
Ginny Danburry	LARA FLYNN BOYLE

3.3.2 O filme: resumo

O filme inicia com a inauguração do ano letivo da Academia Welton. Nessa cerimônia é apresentado o professor Sr. Keating aos pais e aos alunos. Nessa primeira cena fica nítido a disciplina e o rigor da escola. Os alunos ao entrarem na cerimônia carregam quatro estandartes com os dizeres: Disciplina, Honra, Tradição e Excelência.

No começo da película, na cena em que os pais se despedem dos filhos, um aluno diz:

Eu não quero estudar nessa escola.

Apesar da bela infra-estrutura da escola e de sua renomada conceituação, os alunos não gostam de estudar lá. Isso ocorre principalmente pela filosofia da escola, baseada em exigências e disciplina.

Esta nítido durante a exibição do filme que os alunos odeiam a escola e o sistema dela. O aluno Neil ao se apresentar ao novo companheiro de dormitório diz:

bem vindo ao inferno.

Os alunos quando não estão sendo observados caçoam dos quatro pilares, eles nomeiam de Paródia, Terror, Decadência e Excremento. Eles também fumam nos quartos.

Os internos são submetidos às decisões dos pais, uma vez que são eles que resolvem tudo sobre a vida dos filhos.

A metodologia utilizada pelo corpo docente baseia-se em estudos do material didático (livros), notas, relatórios, lição de casa. O ensino é decorado pelos alunos.

Keating, um ex-aluno da Academia Welton, é contratado para lecionar literatura. Suas aulas fogem dos padrões da escola, e através dos métodos utilizados promove um conhecimento acompanhando pela liberdade e pelo prazer.

A partir desse momento, os alunos passam a viver a vida conforme suas convicções e desejos, eles agem com autonomia.

Os alunos admiram o professor e suas atitudes. Eles se interessam pela trajetória do educador na Academia Welton. E com o intuito de descobrir mais sobre a vida dele enquanto estudante, os alunos decidem procurar informações no anuário da escola e lá descobrem que o professor participava de um clube que se chamava Sociedade dos poetas mortos. Os garotos recorrem a ele com a intenção de saber mais sobre esse clube.

Keating explica que os poetas mortos dedicavam-se a extrair a essência da vida. Ele e os colegas se reuniam em uma caverna para estudar famosos escritores e poesias escritas por eles, deixando a poesia fazer sua magia. Os alunos decidem reabrir a Sociedade dos poetas mortos.

A sociedade dos poetas mortos é para os alunos uma válvula de escape. Com reuniões realizadas na caverna, e para irem até lá tinham que sair escondidos, portanto era necessário quebrar as regras da prisão em que viviam. Lá os alunos liam poesias que pertenciam à individualidade de cada um.

Neil é um desses alunos influenciados pela filosofia de Keating e decide fazer o que está dentro dele, e o seu maior desejo é atuar.

Apesar do grande desejo em se tornar ator, Neil é consciente de que seus pais serão contra, por isso decide forjar uma carta do pai permitindo a saída dele da escola para fazer um teste teatral. Neil faz o teste e consegue o personagem principal.

Os pais dos alunos da Academia Welton desconhecem e desconsideram as vontades de seus filhos.

Um aluno em seus aniversários sempre ganha um conjunto de escritório, pois o pai deseja que ele se forme em administrador. Esse aluno cansado de ser guiado pelos sonhos do pai e decidido a aproveitar o dia, decide jogar o presente da sacada da escola.

Dalton, um membro do clube da Sociedade dos poetas mortos, entusiasmado em viver conforme deseja publica uma nota no jornal da escola sugerindo mulheres na escola. Ele assina a matéria como Sociedade dos poetas mortos. Os demais integrantes ficam bravos com ele e reprovam a idéia, pois temem que sejam descobertos.

Sr. Nolan ao ler a matéria convoca uma reunião com todos os alunos e docentes da escola. Ele diz que a matéria publicada foi profana e pede para que se levante o indivíduo que saiba de algo do responsável pela publicação, ameaça expulsar o culpado se ele não se apresentar naquele momento.

Dalton, no meio da reunião, finge que um telefone está tocando. Ele atende e diz que é Deus, pedindo que haja meninas na escola. Os demais membros da Sociedade dos poetas mortos ficam inconformados e surpreendidos com a atitude do companheiro.

Sr. Nolan, vai com Dalton em sua sala e inicia uma sessão de tortura. Batendo no aluno com o objetivo de fazer com que explique o que é a Sociedade dos poetas mortos, e seus participantes. O aluno apanha, mas não revela.

Em meio a esse conflito, com a descoberta do dirigente sobre a Sociedade dos poetas mortos, o pai de Neil descobre que o filho o enganou, e desconfia que o professor Keating está incentivando o menino. Ele exige que o garoto largue a peça.

O menino promete desistir da peça, mas decide conversar com o professor Keating, que aconselha o garoto a se abrir com o pai, revelar a ele o que realmente gosta de fazer, e provar a ele que é realmente bom. Neil, não consegue se abrir com o pai, mas decide que não vai desistir de seu sonho, que é atuar.

O pai de Neil fica sabendo que o filho desobedeceu sua exigência e se apresentou. No meio da peça o pai chega e observa a atuação do filho, que ao perceber a presença do pai se esforça em desempenhar seu papel. A peça é um sucesso e todos os presentes elogiam a atuação, exceto o pai que decide tirar o filho da escola e diz para o garoto que ele será doutor e estudara em Harvard. Novamente Neil não consegue se abrir com o pai e revelar suas reais aspirações.

Enquanto os pais dormiam, Neil se sentindo sufocado pela pressão do pai, se suicida com um tiro, para desespero dos pais e tristeza dos amigos da escola. Uma das cenas mais

marcantes da história e quando Keating olha com tristeza e saudade para a carteira vazia de Neil.

Após o ocorrido, o aluno Cammeron conta ao Sr. Nolan a existência do clube “Sociedade dos poetas mortos”. Os demais membros ficam revoltados com a confissão, entretanto o garoto justifica dizendo que tomou esta atitude devido à existência de um código de honra da escola, e que se não respondesse as questões proferidas pelo diretor ele seria expulso da escola.

Cammeron considera que ele e todos os alunos são vítimas de Keating, “O Capitão” e sugere aos demais estudantes que confirmem a história. Ele propõe deixar Keating se ferrar. E diz:

Vocês não podem salvar Keating, mas podem se salvar.

Revoltado com a proposta Dalton dá um soco no colega.

O diretor interroga todos os membros da Sociedade dos poetas mortos, e faz todos os alunos assinar um documento comprovando que o clube foi montado porque o Sr. Keating encorajou na organização e os alunos o usavam como fonte de inspiração para um comportamento errôneo e egoísta e ele também encorajou Neil seguir sua obsessão em atuar, mesmo contra vontade dos pais. Ou seja, a posição de Keating enquanto professor foi à causa direta da morte de Neil Perry. Os alunos assinam os documentos, mesmo discordando dos dizeres, porém tem medo de serem expulsos da escola.

O diretor assume as aulas de literatura.

Na última cena, Keating interrompe a aula para pegar seus pertences. Quando o professor está saindo, o aluno Anderson diz com remorso para o professor que ele não foi culpado. O garoto sobe na mesa e diz:

Ó capitão! Meu capitão!.

Nesse momento vários alunos levantam e referendam o professor. O professor se mostra feliz com a atitude dos alunos, os agradece e vai embora.

3.3.3 A escola

A escola é a Academia Welton. Um internato particular de meninos, com padrões rígidos e tradicionais. Os alunos estão sempre uniformizados, e no uniforme tem crachá com o nome. Os alunos são chamados de senhor e pelo sobrenome.

O prédio é rústico, na parte da frente se vê a sua constituição de tijolos. Há uma torre com relógio e um sino. O som do sino é tocado várias vezes no filme, destacando a religiosidade do ambiente. Na frente há uma belíssimo jardim. A escola esta envolta por um muro baixo no centro desse muro há um portão.

As paredes dos corredores da escola são brancas e com detalhes em madeira na parte superior, e neles que se encontram os dormitórios.

Há nos dormitórios duas camas, um armário, uma estante de gavetas e uma escrivaninha. Entre as camas há uma pequena janela. Cada dormitório acomoda dois internos.

Existem muitas escadas no prédio, e sempre ficam lotadas de estudantes correndo ao término das aulas.

O salão onde é realizada a cerimônia de início do ano letivo é semelhante a uma igreja católica, inclusive os bancos em que se encontram os alunos e os pais são similares aos de uma instituição religiosa católica.

Na sala de aula estão dispostas diversas prateleiras de livros, duas lousas, alguns retratos, um globo mundial e a bandeira dos Estados Unidos. As mesas são de madeiras e se encontram enfileiradas. Das janelas existentes na sala de aula se vê o jardim da escola.

O refeitório da escola é marcado por traços católicos, as mesas em que os alunos se alimentam são grandiosas e estão dispostas no espaçoso salão. A mesa de refeição dos professores está localizada acima das demais, para demonstrar que a classe professoral está à um nível superior dos alunos. Antes de iniciar as refeições os presentes oram, reforçando o caráter religioso.

3.3.4 As relações do professor com a sociedade

Keating reside no internato, portanto as pessoas com que se relaciona estão neste ambiente, são eles: o diretor da escola, o corpo docente e os alunos. Durante o filme, percebe-

se que os professores não tem relação direta com os pais dos alunos, diferente do diretor da escola, o Sr Nolan, que conhece todos os pais. Estes por sua vez, almejam que seus filhos entrem nas melhores faculdades e se formem em profissões de grande prestígio.

O professor Keating possui com os alunos, uma relação que difere dos demais docentes da Academia Welton. Suas aulas são dinâmicas, no início os alunos estranham a metodologia do professor, mas no decorrer do filme eles gostam e agem semelhantemente ao docente.

Os alunos se espelham nele, tanto que se interessam em reinaugurar a sociedade dos poetas mortos. E o professor, ao perceber o empenho dos alunos em abrir novamente o clube, com o objetivo de demonstrar seu incentivo coloca o antigo livro do clube sobre as coisas de um aluno (Neil).

Certa vez, o professor pede que na próxima aula os alunos tragam um poema escrito por eles.

A maioria dos alunos se esforçam em escrever algo adequado, porém um aluno não apresenta uma poesia condizente, mas o professor valoriza o que ele escreveu e incentiva a melhorar. Outro aluno escreve uma poesia com sentido irônico e todos riem, com a intenção de amenizar a situação, Keating diz:

Não estamos rindo de você, estamos rindo perto de você. Não faz mal seu poema ser simples. As vezes, a poesia mais linda é sobre coisas simples, como um gato, uma flor ou chuva. A poesia pode vir de qualquer coisa que ofereça uma revelação. Só não deixem seus poemas ser ordinários.

O professor proferiu essas palavras com o intuito de fazer o aluno perceber que a atitude dele foi errônea, e que para fazer poesia é necessário seriedade.

Nos momentos livres, o professor joga futebol com os garotos, aumentando o vínculo de amizade entre professor-aluno.

Dalton ao divulgar sobre a Sociedade dos poetas mortos é reprimido por Keating, pois a atitude dele acarretou problemas para várias pessoas, o docente diante desta situação explica que:

Tirar essência da vida não significa afogar-se nela. Claro que há hora para atrever-se e hora para ter cuidado, é um sábio sabe qual é à hora.

Neil, pressionado pelo pai em abandonar a carreira teatral, decide se aconselhar com Keating, pois não consegue conversar com o pai da maneira que faz com o docente. O garoto diz que gostaria que o pai entendesse que o teatro é a vida dele. Keating aconselha o aluno:

Você não é um servente. Se para você não é fase prove isso para ele através da sua convicção e paixão. Mostre isso pra ele e se ele não acreditar então você terá saído da escola e poderá fazer o que quiser.

Neil ouve atentamente os conselhos do mestre, mas falta coragem em desabafar com o pai. Quando questionado pelo professor, mente dizendo que falou com o pai, e que ele permitiu, mas não poderá comparecer à peça devido a compromissos profissionais

Keating, no período em que lecionou na Academia Welton, se diferenciou dos demais professores por ouvir seus alunos e incentivá-los na busca da liberdade. Contudo, nos momentos finais do filme é culpado por Cammerom pela morte de Neil, uma vez que, segundo o aluno Keating apoiou o comportamento de Neil.

A trama apresenta os conflitos que o professor principal (Keating) com os demais docentes e direção da escola.

Os encontros entre os agentes educacionais ocorrem no refeitório. Em um desses momentos, ocorre o encontro de Keating com o professor Mc Allister que se mostra surpreso aos métodos utilizados por Keating e diz:

Você arrisca-se ao incentivá-los a serem artistas. Quando perceberem que não são Rembrandts, Shakespeares ou Mozarts, eles odiarão você.

Keating justifica sua metodologia respondendo

Não estamos falando de artistas, mas em pensadores.

Mc Allister responde ironicamente:

Pensadores aos 17 anos? Mostre-me um coração não afetado por sonhos tolos e mostrarei um homem feliz.

Keating encerra o diálogo dizendo que:

Só nos sonhos pode um homem ser livre. Sempre foi assim e sempre será.

O Sr. Nolan, dirigente da Academia Welton, observa algumas aulas externas do professor Keating, o olhar dele é de desconfiança. Quando descobre a existência da Sociedade dos poetas mortos, o Sr. Nolan responsabiliza Keating. Ele repreende o professor de literatura contestando os métodos não ortodoxos que ele utiliza, complementa dizendo que os garotos com essa idade são facilmente impressionáveis. Eles iniciam uma discussão;

Keating: *seu castigo causou uma grande impressão.*

Sr. Nolan: *por que os alunos estavam marchando outro dia no pátio?*

Keating: *era um exercício para provar uma ideia. Os perigos do conformismo.*

Sr. Nolan: *o currículo aqui é fixo. Está provado que funciona. Se o questionar, o que os impede de fazer o mesmo?*

Keating: *sempre achei que educávamos para ensiná-los a pensar por si!*

Sr. Nolan: *Na idade deles? Nunca na vida! Tradição John. Disciplina. Prepará-los para a faculdade e o resto vem junto.*

A única cena em que apresenta um contato de Keating com um pai de aluno e quando, o pai de Neil, ao ver Keating parabenizando o desempenho do garoto no palco, se revolta com o professor e diz para manter distância do filho dele. Pois acredita que ele seja o responsável de incentivar o filho “com esta besteira de teatro”.

3.3.5 A educação

O saber é transmitido através da “*luz da sabedoria*”. Um professor com uma vela acesa passa a acender a dos alunos uma a uma, disseminando assim o saber.

Segundo Sr. Nolan, a maioria dos alunos formados na Academia Welton foram aceitos em faculdades de prestígio.

O professor transmite aos alunos e a comunicação entre mestres e alunos transforma estes em discípulos. O acesso ao saber aparece como uma cultura.

O fator principal que difere Keating dos demais docentes é a metodologia de ensino, com aulas dinâmicas que não se baseiam no tradicional ensino.

Os estudantes nas primeiras aulas estranham a metodologia aplicada, uma vez que estão acostumados a se comportarem de maneira que atenda as expectativas dos professores, sendo os ouvintes da aprendizagem, já nas aulas de literatura eles são os participantes deste processo.

Keating está submetido a seguir determinadas concepções e padrões, mas ele discorda das técnicas de ensino aplicadas naquele colégio, por isso, ele passa agir segundo as suas convicções e crenças, ele segue seu próprio estilo de ensino. Deste modo ele enfrenta as burocracias e os obstáculos determinados pelos superiores.

As situações que os professores são obrigados a enfrentar (e a resolver) apresentam características únicas, exigindo portanto respostas únicas: o profissional competente possui capacidades de auto-desenvolvimento reflexivo. (NÓVOA, 1994, p.06)

O principal objetivo de Keating, enquanto professor é fazer com que os alunos ajam com autonomia. O filme apresenta diversas cenas que exemplifica as aulas de literatura tais como;

Sr. Keating em sua primeira aula cita o poema “Às Virgens, para aproveitar o tempo”, de autoria do poeta inglês Byron (1788-1824):

“...Pegue seus botões de rosa enquanto pode

O tempo está voando

A estas horas, flores que hoje riem,

Amanhã estarão mortas”.

É a partir desse momento que ele introduz nos rapazes o conceito de *Carpe diem*, que significa aproveite o dia. Para ilustrar essa teoria ele mostra aos alunos os retratos de antigas turmas formadas na Academia Welton, ele diz que os rapazes das fotos são semelhante a eles, mesmo com o passar dos anos. O docente diz que a vida é curta e que é necessário aproveitá-la ao máximo, a cada dia.

Em uma aula, o professor Keating, solicita que um aluno leia a introdução de um livro. Nessa introdução esta a explicação de como se deve entender a poesia. O discente inicia a leitura, e conforme ele vai lendo o docente representa a leitura na lousa e os alunos reproduzem em seus cadernos. Ao término da leitura, o Sr Keating diz:

Isso é um excremento, não estamos abrindo violetas, mas sim falando de poesia.

Um aluno, ao perceber a revolta do professor diante do texto, imediatamente rabisca o que tinha copiado. Em seguida o educador ordena que os estudantes rasguem a introdução inteira do livro, ele justifica a atitude dizendo:

Aprenderam a pensar sozinhos. Aprenderam a saborear palavras e a linguagem. Não importa o que digam, palavras e idéias podem mudar o mundo. Não lemos e escrevemos poesia porque é bonitinho. Lemos e escrevemos porque somos humanos.

As aulas não eram realizadas com os alunos sentados em seus lugares, em uma dessas aulas ele pede que os alunos subam em cima da mesa, com o objetivo de experimentarem novas dimensões. Utilizar o corpo como meio de expressar seus pensamentos, sentimentos, seus conhecimentos, a vida. Os alunos aprendiam extrapolando as limitações impostas pelas paredes de uma sala de aula comum. (CAMPOS, 2005)

Na aula em que os alunos apresentam os poemas escritos por eles, um educando, Anderson, estava muito nervoso. Apesar do esforço e dedicação, ele não conseguiu escrever um poema. Keating, com o objetivo de mostrar para o rapaz sua capacidade, fecha os olhos dele e pede para falar qualquer coisa que tenha mente, conforme o aluno vai falando o professor vai fazendo questões, e por fim o garoto consegue declamar uma bela poesia.

O professor, não se restringe apenas a sala de aula, ele leciona em áreas externas. Em uma atividade ele leva para os meninos frases positivas e incentivadoras. Ele solicita que os alunos leiam a frase em voz alta em seguida chute uma bola com força, o objetivo dessa dinâmica é fazer com que os alunos levem para vida os dizeres das frases.

Em uma outra atividade fora da sala de aula, o educador pede para que os alunos caminhem no pátio. Após a caminhada ele diz:

Não sei se perceberam, mas cada um começou no seu próprio passo, seu próprio ritmo. Sr. Pitts, bem devagar. Ele saberia que chegaria. O Sr. Cameron, dava para ver ele pensando “Está certo? Talvez esteja. Eu sei – Talvez não. Não sei.” Sr. Overstreet, levado por uma força interna”.

O professor explicou

Todos temos uma grande necessidade de aceitação, mas você deve acreditar que suas crenças são únicas, são suas, mesmo que outros os acham estranhas, raras. Quero que encontrem seu próprio andar agora.

Esta aula teve como objetivo incentivar os alunos a agirem conforme eles são mesmos, e não como determina os padrões, valorizando a individualidade. Porém, o foco de Keating estava no processo de ensino-aprendizagem centrado no aluno. Desse modo:

O processo educacional, consoante à teoria de desenvolvimento e conhecimento, tem um papel importante, ao provocar situações que sejam desequilibradoras para o aluno, desequilíbrios esses adequados ao nível de desenvolvimento em que se encontram. (MIZUKAMI, 1986, p.70)

Neste contexto o principal objetivo do professor é de desenvolver a autonomia e individualidade dos alunos.

3.3.6 O ser professor

No primeiro dia como professor da Academia Welton, Keating observa pela fresta da porta o movimento dos alunos dentro da sala de aula. Ele entra na classe assobiando, assim que ele entra os alunos imediatamente fazem silencio. O professor dá uma volta pela classe e sai novamente. Os alunos estranham tal reação, poucos segundos depois ele retorna a porta e solicita aos educandos que o sigam, estes por sua vez, seguem o professor.

O professor pergunta se algum aluno sabe de onde é a frase “Ó Capitão! Meu Capitão!”. Como nenhum aluno responde ele diz que é uma alusão de um poema escrito por Walt Whitman (poeta norte-americano, 1819-1892) que homenageia Abraham Lincoln (um defensor da democracia e da liberdade). É deste modo que ele se apresenta, dizendo que os estudantes podem chamá-lo de Keating, mas os mais audaciosos de “Ó Capitão! Meu Capitão!”. (CAMPOS, 2005).

Ao continuar sua apresentação o professor discursa sobre sua rotina na escola, relatando também as diversões.

Sim, eu também estudei no inferno e sobrevivi. E não, naquela época eu não era este gigante intelectual.

Através da conceituação da expressão *Carpe Diem*, Keating instiga seus alunos a aproveitarem o dia, pois a vida é curta e com o seu talento e sabedoria, inspira os seus alunos a perseguir as suas paixões individuais. Ele diz:

Carpe Diem. Aproveite o dia rapazes. Tornem suas vidas extraordinárias.

Nas aulas de literatura, os alunos aprendiam através das palavras proferidas pelo educador, um exemplo é quando explica que rasgou as páginas do livro pois.

Ao ser questionado por um aluno se nas reuniões da Sociedade dos poetas mortos eles eram um monte de “caras” lendo poesia juntos, Keating diz:

Não éramos só “caras”. Não éramos uma organização grega, éramos românticos.

Keating não limita a função da escola em transmitir um conhecimento acumulado pela humanidade. Ele atribui a escola em desempenhar o papel de construir e reconstruir novas

formas deste conhecimento atuar na vida dos indivíduos, formando-os como pessoas. (CAMPOS, 2005).

Neil ao se aconselhar com Keating e vai até os aposentos dele, chegando lá repara que o professor vive em um espaço minúsculo e diz:

Não te dão muito espaço aqui?.

Keating: *não, faz parte do juramento. Não querem que coisas mundanas me distraiam do ensino.*

Neil: *você pode ir onde quiser. Por que fica aqui?*

Keating: *porque eu amo ensinar. Não quero estar em outro lugar.*

Através desse diálogo, entende-se que a vida de Keating está atrelada ao exercício da docência. O que importa para ele é estar no ambiente escolar e ensinando seus alunos.

Mediante as falas de Keating e de sua postura com os alunos, percebe-se que enquanto professor, ele assume características do professor investigador. (FERNANDES, 1999)

Fernandes (1999) descreve que esta dimensão do ser professor reclama um dever-ser que dê sentido à educação, procurando entender “a razão das coisas”. Quando se fala nessas “coisas”, refere-se ao sentido material do termo, da concreteza do mundo, e também as coisas no sentido humano, que abrange as formas de ordenamento da vida social, dos regimes econômicos, das injustiças e das exclusões, e, sobretudo dos momentos redentores da história e dos seus reflexos, dos itinerários múltiplos do pensamento, dos mistérios da criação da beleza.

3.3.7 Perspectivas com relação à docência no perfil do professor

Keating pode ser caracterizado como um profissional avançado em relação aos demais docentes da Academia Welton. Seu sistema de ensino não segue as regras da escola, agradando os alunos.

Ele incentiva os alunos a seguir suas aspirações e a pensarem por si próprio, que se identificam com o professor e se conscientizam de sua autonomia.

Porém, apesar de ser um professor que contribui na formação escolar e individual dos alunos, Keating está inserido em um sistema que vai contra essa inovação. Ele não recebe apoio de seus superiores, que barram os ensinamentos não considerados ortodoxos.

Keating, no período em que lecionou na Academia Welton, se diferenciou dos demais professores por ouvir seus alunos e incentivá-los na busca da liberdade. Contudo, nos momentos finais do filme é culpado por Cammerom pela morte de Neil, uma vez que, segundo o aluno Keating apoiou o comportamento de Neil.

Observa-se que as aulas de Keating contribuíam eficazmente na vida social dos alunos, pois ele não se prendia aos ensinamentos tradicionais. Porém os alunos, apesar de gostarem dessas aulas, no final do filme, chegaram a conclusão de que elas foram responsáveis pelo suicídio de Neil, provando que ele também estão acomodados no sistema educacional.

Concluí-se que apesar de Keating ter sido um professor inovador, e por ter mostrado aos alunos a importância da individualidade, ele acaba sendo demitido. Suas atitudes prejudicaram sua carreira profissional.



Figura 7: no final do filme, os alunos referendado o professor, com os dizeres “Ó Capitão! Meu capitão!”

3.4 Escritores da Liberdade

3.4.1 Ficha técnica

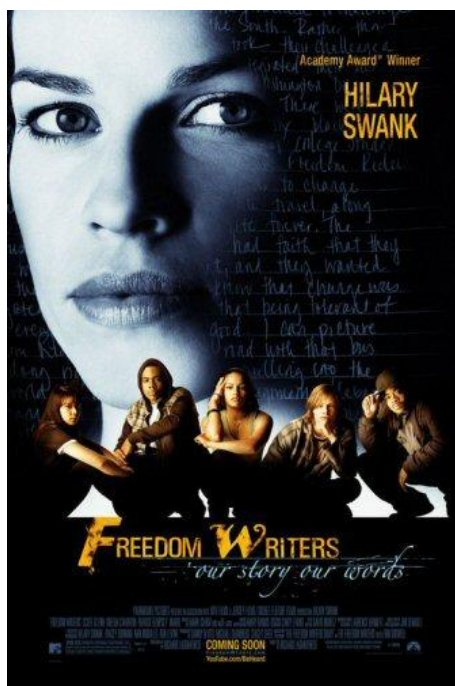


Figura 8: capa original do filme Escritores da liberdade

Nome original: Freedom Writers

Versão em português: Escritores da liberdade

Duração: 123 min

Direção: Direção: Richard LaGravenese

Roteiro: Richard Lavagranese, Erin Gruwell, Freedom Writers.

Fotografia: Jim Denault

Procedência: Natural

Estúdio: Paramount Pictures do Brasil

Produção: Richard Lagravenese

Gênero: 123

Apresentação: Legendada

Indicação: 14 anos

Ano: 2007

Elenco Principal

Erin Gruwell	HILARY SWANK
Scott Casey	PATRICK DEMPSEY
Steve	SCOTT GLENN
Margaret Campbell	IMELDA STAUNTON
Eva	APRIL L. HERNANDEZ
Andre	MARIO
Gloria	KRISTIN HERRERA
Sindy	JACKLYN NGAN
Alejandro	SERGIO MONTALVO
Marcus	JASON FINN
Jamal	DEANCE WYATT
Brandy.....	VANETTA SMITH
Tito	GABRIEL CHAVARRIA
Ben	HUNTER PARRISH
Miguel	ANTONIO GARCÍA

3.4.2 O filme: Resumo

O filme *Escritores da liberdade* é uma película baseada em fatos reais.

A história se passa em Long Beach (Los Angeles, Califórnia). Esta cidade é marcada pela multiculturalidade. Com a presença de uma população de diversas origens.

As cenas iniciais do filme apresenta a guerra que ocorre entre as pessoas de diferentes origens, que são membros de gangues e vivem em combate. Eva, uma das alunas da sala 203 da Escola Woodrom Wilson (o filme foi baseado nos diários escritos por alunos desta sala), em uma fala descreve a cidade como:

Em Long Beach, tudo depende da sua aparência. Se você for latino, oriental ou negro pode ser baleado toda vez que sair de casa. Disputamos o território. Nos matamos por raça, orgulho e respeito. Lutamos pelo que é nosso.

O pai de Eva, no começo do filme, é preso por ser de origem latino-americana, e a filha entra para a terceira geração da gangue, e considera os membros dela a sua família.

Dentro deste cenário, na Escola Wilson precisamente na sala 203 se encontram alunos com diversos problemas e de diversas origens.

Erin Growell inicia a carreira docente no ano de 1994, sua turma é o primeiro ano. E no ano seguinte ela também leciona para a turma.

Ela age com empolgação, mas após a primeira aula, percebe que a educação naquela escola não era como ela tinha imaginado.

Os alunos não gostam de freqüentar a escola, pois os conhecimentos transmitidos no ambiente escolar, não são aplicáveis na realidade em que vivem. Eva é uma dessas alunas, que vai a escola porque foi ordenada pelo seu agente educacional, ela descreve o ambiente escolar como:

Escolas são como a cidade. Cidade é feito uma prisão, toda ela divida em seções, de acordo com tribos.

É neste contexto que Erin Growell se encontra, e a cada dia que passa, sua empolgação inicial se transforma em frustração. Ela não consegue transmitir os conteúdos e os alunos a ignoram e a satirizam, um chega a pensar:

Essa vaca não vai durar uma semana.

Contudo, mesmo decepcionada ao constatar o desinteresse dos educandos pela aula, ela não desiste de tentar superar as barreiras ali encontradas. A docente começa a utilizar características comuns às vidas deles para lhes ensinar a matéria, fazendo com que eles se interessem um pouco mais. Também faz algumas atividades que acabam tocando suas consciências

Em certo momento, fora da escola, diversos alunos presenciam e se envolvem em um tiroteio, cujo Eva é a principal testemunha, porém o assassino é um latino-americano. Ela fica em dúvida se depõe ou não contra ele.

Aos poucos Erin passa a conhecer a realidade e as necessidades dos alunos. Ela se comove com a história de vida de cada aluno, que já passaram por diversas dificuldades na vida. A docente descobre que apenas um aluno de sua classe nunca foi baleado.

Um dos projetos de Erin era que seus alunos lessem “O Diário de Anne Frank²” e que, após a leitura, fizessem seu próprio diário, contando tudo que quisessem: seus sentimentos, pensamentos, o que já havia se passado na vida deles, o que sonhavam. Ela só iria ler se os alunos depositassem os diários em um armário.

² Livro escrito por uma jovem judia ao longo dos dois anos que viveu escondida durante a Segunda Guerra Mundial.

No dia da noite dos pais na escola, nenhum responsável de seus alunos comparece, então Erin resolve abrir o armário que ficaria guardado os diários. Ela fica contentíssima ao ver que há muitos diários guardados e ao ler seus diários, ela apenas reforçou sua decisão de não desistir de seus alunos. Ela começa a descobrir a triste história dos seus alunos, marcadas por violência, necessidades financeira, injustiça, morte, tráfico e falta de carinho e atenção.

Quando soube que a escola não emprestaria os livros aos alunos, arrumou um segundo emprego para poder comprar os livros para sua turma. Sem nenhum apoio da diretoria da escola ou de outros professores, resolveu agir sozinha, começando um terceiro emprego, para tentar conseguir recursos para viagens culturais.

A turma se interessa pela obra “O diário de Anne Frank”. Eva se mostra dedicada à leitura. Porém ao ler o desfecho da história a menina se revolta com a morte da personagem principal. Ao longo da leitura ela se identifica com as situações enfrentadas por Anne, ao terminar o livro ela questiona a professora dizendo que se Anne Frank morreu que chances ela tem?

Marcus, que estava presente quando a aluna fez esta questão, diz que apesar de Anne ter morrido, ela deixou um livro. É a existência desse livro é como se Anne estivesse viva.

Com o objetivo de fazer com que a classe se envolva ainda mais com a obra, Erin sugere aos alunos que eles escrevam uma carta à Miep Gies³. Ela diz que na carta deve conter a opinião deles sobre o livro.

Os alunos aceitam a proposta, mas solicitam que Miep Gies realize a leitura das cartas e venha dar seu depoimento para eles. Os estudantes se entusiasmam em receber a visita da protetora de Anne Frank.

Erin diz que Miep Gies é idosa, ela diz que não sabe se a senhora tem condições de fazer viagens e que a escola não possui verba para trazê-la.

Os alunos decidem realizar uma festa para arrecadar dinheiro e pagar as despesas da viagem de Miep Gies.

O resultado do desempenho e dedicação de Erin é publicado nos jornais, para desespero da chefe do departamento que a cada notícia divulgada se mostra mais nervosa.

Os jornais exibem manchetes como:

“O que as verbas de educação financiam se não nossos estudantes?”

“Curso de redação narra vida de estudantes”;

“Estudantes da Wilson farão show de dança por fundos para palestra”

“Mulher que escondeu Anne Frank convidada pela Escola Wilson”.

³ A principal protetora da menina judia Anne Frank e sua família.

A palestra é realizada e Miep Gies relata que leu as cartas enviadas pelos alunos e que caracteriza eles como heróis.

Foi estudando a história do holocausto que a turma 203 passou de guetos para uma única família sem preconceitos, onde se sentiam bem e felizes. Por isso ficaram muito abalados ao saberem que Erin não ensinaria a terceira nem a quarta série, que teriam outros professores.

Por acharem que acabariam voltando a serem como eram antes, insistiram com autoridades da educação que a professora recebesse permissão para continuar a lecionar para eles. O que conseguiram, após muito esforço.

Erin doou-se a sua causa pessoal, a melhora na qualidade ensino e nas relações entre professor e aluno, mudando a vida de todos, levando algum significado a suas existências.

Erin realiza com os alunos a produção de um livro chamado o Diário dos escritores da liberdade.

O filme se encerra com algumas frases sobre a vida de Erin e dos alunos

Vários escritores da liberdade foram os primeiros da família a se formar no Ensino Médio e ir para a faculdade.

Acompanhando alguns de seus alunos na Universidade Estadual da Califórnia, em Long Beach. O diário produzido por eles foi publicado em 1999.

Erin Gruwell e os escritores da liberdade criaram a fundação escritores da liberdade dedicado a recriar o sucesso da sala 203 em escolas de todo o país.

3.4.3 A escola

Trata-se da Escola Wilson, uma instituição pública.

O espaço escolar é grandioso envolto por uma cerca de grades. A fachada do prédio é feita de tijolo a vista e na frente dele há um jardim com alguns bancos.

No corredor há os armários dos alunos e uma estante em que as premiações da escola estão expostas.

Há dois tipos de sala de aula na escola. Uma que é utilizada pelos alunos da turma avançada, a sala é toda branca, com carteiras brancas e enfileiradas, onde os alunos sentam em duplas e o quadro é branco, para escrever o professor utiliza caneta pincel. A outra pertence aos alunos da turma especial (a turma de Erin), ela é toda branca e a porta é de madeira e o número da sala se encontra ao lado da porta. Há armários brancos com alguns

equipamentos, as carteiras são de madeira e estão com aspecto de velha e rabiscadas pelos alunos, na frente se encontra a mesa da professora e a lousa. Erin utiliza giz para escrever na lousa. Através dessa descrição, observa-se que a sala de aula dos alunos especiais é inferior da dos alunos do avançado, destacando o descaso e o preconceito da turma de Erin.

A sala dos professores é branca e há algumas mesas redondas, há sofás verdes e uma cortina xadrez. Os professores freqüentam esta sala no momento da café, é neste espaço em que são realizadas as reuniões.

Os alunos da escola são heterogêneos, divididos em gangues e etnias. Alguns acabaram de sair do reformatório e alguns utilizam sensores para serem localizados. Eles estão no primeiro ano e tem idade de quatorze e quinze anos.

Os estudantes só podem sair da sala de aula para irem ao banheiro com uma placa de autorização para sair.

A maioria dos alunos, para chegar a escola pegam três ônibus, demorando 90 minutos na ida e na volta.

Como descrito anteriormente, Cortesão (2002) reconhece que a escola não foi preparada para os alunos. Em *Escritores da liberdade*, os conhecimentos transmitidos pela escola não possuem significado na vida dos educandos, promovendo o descaso em relação à escola, o fracasso e a evasão escolar. Para desespero de Erin que questiona sua presença e seus métodos na escola

3.4.4 As relações do professor com a sociedade

Durante o filme, Erin se envolve no ambiente escolar com a chefe do departamento, o diretor da escola, os demais docentes que trabalham na escola, o secretário de educação e os alunos.

Ao entrar na Escola Wilson, a primeira pessoa que Erin tem contato é com a chefe do departamento (Campbell), que transmite informações da turma.

Erin se mostra entusiasmada com o início da docência, contudo Campbell sabe que o exercício profissional não será tranquilo e previne a novata dos problemas da turma e ressalta que o planejamento elaborado necessita ser repensado, uma vez que a turma está atrasada nos conteúdos. Ela orienta não passar muita lição de casa.

Durante essa conversa, Campbell observa um colar de perolas que a professora estava usando, é consciente das atitudes dos alunos da escola aconselha Erin a não utilizá-lo na sala de aula.

A chefe do departamento, Campbell é um obstáculo para o exercício docente de Erin, diversas vezes ela barra a professora e não apóia suas iniciativas.

Erin se sente esperançosa ao constatar o interesse dos alunos por um tema, o holocausto, e recorre à biblioteca da escola em busca de materiais que retratam o assunto. Ela acredita que livros que tenham como enredo histórias semelhantes da dos alunos é um bom incentivo, de imediato ela na obra O diário de Anne Frank.

Ela comenta sobre a idéia com Campbell, que proíbe a professora em emprestar os livros para os alunos, pois eles não conseguem ler obras completas e as notas deles em leitura são baixas. Ela completa dizendo que se os livros forem emprestados, os alunos estragarão. Erin discorda da chefe do departamento e diz que os livros estão parados e tenta outros argumentos para emprestá-los, mas é em vão.

Erin: *Tem mais alguém com que posso a falar a respeito?*

Campbell: *como disse?*

Erin: *desculpe, mas não compreendo. A Secretaria de Educação de Long Beach sabe que estes livros ficam aqui e nunca são usados?*

Campbell: *deixe-me explicar. Temos autonomia local. Ou seja, eu e o diretor temos o poder de tomar essas decisões sem consultar a Secretaria que tem mais problemas a resolver. Entendeu como funciona?*

Erin: *desculpe. Não quis passar por cima da sua autoridade. Nunca faria isso. é que não sei como interessá-los em leituras com obras compactadas.*

Por meio das atitudes da chefe do departamento diante as ações inovadoras de Erin. Diante deste contexto concluí-se que há um discurso sobre a transformação da escola, e que os professores são os principais agentes dessa transformação. Porém...

As escolas não podem mudar sem o empenho dos professores; e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham. O desenvolvimento profissional dos professores tem que estar articulado com as escolas e os seus projetos. (NÓVOA, 1994 p.06 e 07)

No que diz respeito aos demais professores, o filme apresenta o contato de Erin com Brian Gelford (que também é professor de inglês do terceiro anos da turma avançada).

Novata na escola, Erin estranha o comportamento dos alunos e em uma conversa com Gelford, sobre a briga entre os alunos na sala de aula, ele aconselha ela.

Gelford: *Soube que teve diversão hoje.*

Erin: *é. Foi tão rápido.*

Gelford: *não desanime, ganhe experiência e, em poucos anos, lecionara no terceiro ano. Trabalhar com eles é ótimo. Até lá a maioria dos seus alunos terá sumido mesmo.*

Erin: *como assim?*

Gelford: *uma hora eles param de aparecer.*

Erin: *bem, se eu trabalhar direito, talvez façam fila para minha aula.*

Neste diálogo, Gelford, por ter mais experiência na área educacional se mostra superior a Erin, revelando que por ter uma carreira mais longa merece a turma dos alunos avançados, e ela por estar começando fica com a turma dos especiais.

Erin e Gelford ministram a mesma disciplina, e como sua presença na escola é recente, ela resolve se aconselhar com ele, com o objetivo de convencer Campbell a emprestar os livros.

Erin: *já que conhece Margaret melhor do que eu, será que poderia me ajudar? Acho que histórias como O diário de Anne Frank seria ótima para meus alunos, mas ela não entendeu que eles podem se identifica com essas historias. Levando em consideração tudo que vivem.*

Gelford: *Ah, claro. É uma história universal.*

Erin: *está brincando comigo?*

Gelford: *estou. Céus, escute o que está dizendo. Como ousa compará-los com Anne Frank? Eles não se escondem. Andam por ai com armas automáticas. Sou eu quem vive com medo. Não posso sair de casa à noite.*

Erin: *e culpa esses jovens?*

Gelford: *esta era uma escola de primeira linha antes de eles virem pra cá. E veja no que a transformaram. Quer dizer, faz sentido que jovens que querem aprender devam sofrer porque a escola deles virou um reformatório? Porque jovens eu não querem estar aqui, nem deveriam são forçados a estar aqui pelos gênios da Secretaria de Educação? A integração é uma mentira. Os professores não podem dizer isso, pois perderiam o emprego por racismo. Então, por favor, deixe de fazer onda Erin. Está sendo ridícula. Você não sabe nada sobre eles. E não pode julgar os professores que têm de sobreviver a este lugar.*

Este diálogo nos mostra que Gelford e Campbell tem o mesmo pensamento, e que Erin, por ser uma pessoa inovadora é vista com um olhar de desconfiança pela equipe de trabalho.

Geolford se irrita quando uma aluna da turma do avançado se muda por vontade própria para a turma de Erin, ele se demonstra egoísta ao diz para Campbell:

Erin não pode fazer isso. Alunos notáveis são meus. Ela não pode lecionar para eles. Só está aqui há um ano.

O filme apresenta poucas cenas de conversa entre Erin e o diretor, um episódio marcante é quando Benning (o diretor) reúne todos os docentes da escola e comunica que diversos alunos da Wilson estavam envolvidos no tiroteio, mas que este assunto era proibido de ser discutido em sala de aula. Através dessa fala percebe-se que o diretor reprime os educandos a trabalhar com os problemas que os alunos enfrentam na sociedade.

Nos momentos finais do filme é realizada uma reunião entre o secretário da educação, a chefe do departamento, o diretor da escola, Erin e Gelford, o motivo da reunião é a permanência de Erin com sua turma no terceiro ano. Campbell é contra Erin acompanhar os alunos no próximo ano, pois viola as normas do sindicato.

Erin: *só quero ficar com os meus alunos ano que vem.*

Gelford: *ela não pode. O terceiro ano é meu.*

Campbell: *acredite se quiser, Sra Gruwell existem outros professores capazes nesta escola. Se fizeram o progresso que alega seus alunos estão prontos para seguir. Podem até ganhar algo com professores mais experientes.*

Erin: *não podem ensiná-los. Nem sequer gosta deles.*

Gelford: *o que isso tem a ver com ensinar?*

Campbell: *sou educadora há mais de trinta anos. Tenho alunos que ainda me procuram. Sei o que é ser amada por uma sala! Você não tem idéia de quantas batalhas enfrentei para ser uma professora melhor e agora, de repente, sou incapaz de educar seus alunos? Se eles passarem para nossa classe e repetirem será porque você não os preparou! Será porque você fracassou, não eles!*

Nessa primeira reunião, Erin não consegue convencer a acompanhar os alunos, porém é realizado um novo encontro, em que a professora discursa:

Esses alunos, essa classe, eles viraram uma família. A sala 203 é como um lar para eles. Açam que tudo depende de permanecermos um grupo. Quando deixarem esta sala vão retomar os velhos hábitos, acredite.

Então Erin consegue acompanhar a turma por mais dois anos, para a alegria dos estudantes.

Perante a falta de apoio dos superiores que atuam na Escola Wilson, Erin resolve a recorrer ao Secretario da Educação, ela busca a autorização dele na realização de excursões. No princípio ele nega argumentando que cabe a chefe do departamento da escola tomar esse tipo de decisão, mas Erin o convence e ele autoriza a realizar este tipo de atividade.

A relação fundamental no filme é de Erin com seus alunos, essa ocorre de diferentes formas.

Uma delas, no primeiro contato com os alunos, enquanto ela faz a chamada os alunos a ignoram, formam pequenos grupos de conversa, dormem, esmaltam a unha, lêem revistas e

desenham nas carteiras. Eles se mostram revoltados por estarem naquela turma, “a classe dos excluídos”. É evidente esta revolta em um diálogo entre os alunos.

Um aluno diz:

Cara, o que eu estou fazendo aqui? O pessoal desta sala parece um bando de maloqueiro de um seriado de segunda.

O outro responde:

É a classe dos burros mano.

Neste momento os alunos iniciam uma discussão e começam a brigar. A professora não consegue controlar a turma e pede ajuda para o inspetor.

Erin, através de suas metodologias de ensino e de seu esforço enquanto profissional, a professora conquista a amizade, o respeito e a admiração dos alunos, que percebem que a dedicação da professora esta contribuindo no aprendizado, eles passam a se dedicar ao estudo.

As atitudes de Erin repercutem pela escola, e uma aluna da turma avançada de Gelford se muda para a turma de Erin,

No ambiente familiar ela se relaciona com o marido Scott e o pai.

O pai de Erin é contra a carreira docente da filha, e quando ele fica sabendo pelo noticiário a confusão que aconteceu com os alunos da escola questiona o esforço da professora:

Vai desperdiçar seu talento com gente que não está nem aí com a educação?

Esta fala evidencia a falta de apoio do pai diante das dificuldades de Erin no início da docência.

Em vários momentos do filme, Erin recorre ao pai em busca de auxílio para agir com seus alunos, porém o pai ao invés de incentivar diz para a filha cumprir sua obrigação ate o final do ano letivo, mas procurar outro emprego. Ele diz:

A experiência leva ao sucesso. Então acumule experiência. É só um emprego.

O pai de Erin, no decorrer do filme, percebe que os alunos da filha são muito importantes para ela, e ele passa a ajudá-la na realização dos passeios e apoiar as conquistas dela.

O marido apóia a escolha profissional de Erin, porém, conforme o tempo ela passa a se dedicar exclusivamente a escola e os alunos. Fica até mais tarde no trabalho, leva os alunos

embora, passa as noites lendo os diários deles. O marido passa a reclamar com a esposa, dizendo que o único assunto dela é o trabalho.

Erin passa a agir sozinha, e diante a falta de apoio dos dirigentes escolares arruma um emprego como vendedora de lingerie para aumentar a renda e comprar livros para os seus alunos, o marido não compreende a atitude da mulher e diz:

Arrumou outro trabalho para pagar pelo seu trabalho?

Posteriormente, Erin resolve trabalhar aos finais de semana como recepcionista de um hotel para poder pagar excursões, Scott não aprova a idéia, justificando que a docência e a existência dela. Ou seja, à medida que Erin se aproxima dos alunos ela se afasta de Scott.

Em certo momento da película, Erin chega a sua casa contentíssima que uma aluna da turma avançada se mudou, por vontade própria para sua turma, ela comenta pro marido a conquista. Scott parabeniza o mérito dela, mas questiona a capacidade dela em ensinar alunos inteligentes, já que está acostumada a lecionar grupo específico de estudantes, e que esse grupo não aprende da mesma forma que os alunos normais. Ela se irrita com a provocação e defende seus alunos.

A carreira profissional de Erin é um sucesso, mas a vida pessoal é deixada de lado, e Scott, cansado da ausência da mulher decide ir embora.

3.4.5 A educação

Erin, ao assumir a turma de alunos especiais, aposta nos conteúdos curriculares tradicionais, mas não consegue transmiti-los aos alunos. Que não se interessam pela escola e nem pelos saberes a serem aprendidos.

A professora, percebendo o fracasso de seus métodos de ensino, decide trabalhar com elementos que fazem parte da realidade dos alunos.

Ela percebe que seus alunos apreciam o rap, e em uma aula ela distribui para cada estudante a letra de uma música deste estilo musical. Antes de introduzir o assunto da aula (rima interna) ela coloca a música pra tocar e arrisca pequenos passos. Os alunos satirizam a professora e começam a discutir uns com os outros.

Neste momento ela impõe sua autoridade e ordena que todos os alunos mudem de lugar. Eles reclamam, mas todos obedecem.

Em uma aula, em que Erin estava tentando transmitir conhecimentos para os alunos, a turma se apresentou agitada. Um aluno fez a caricatura de um garoto negro (essa caricatura evidenciava os lábios grossos dos negros) e passou para o aluno da frente, que achou graça e mostrou para a garota do lado, e assim, sucessivamente o desenho foi passado para todos os alunos da classe, inclusive para Jamal (o aluno representado no desenho).

Erin, ao constatar o preconceito da turma diante do colega, ordena que os alunos fechem os livros. Eles obedecem e explica sobre o preconceito que os judeus sofrendo, aproveita e compara o que acontecia no Holocausto ⁴ com a realidade dos alunos. É emocionante está conversa que a professora tem com a turma, como se vê na sequência;

Um dos alunos, com a intenção de mostrar para a professora que os ensinamentos dela não interessam a turma diz:

Por acaso sabe onde moramos?

Erin: *estão dizendo que se não existissem latinos, cambojanos, negros, brancos ou quem fosse se não estivessem aqui, tudo seria melhor para você, isso?*

Todos: *é claro que seria melhor.*

Neste instante um garoto levanta e diz:

Seria melhor se você não estivesse aqui.

Erin: *ok. Certo. Começa com um desenho destes, depois alguém morre baleado e ninguém sabe quem atirou.*

Eva: *você não sabe de nada! Não conhece a nossa dor! Não sabe o que temos de fazer. Não respeita nosso jeito de viver. Temos de ficar aqui, aprendendo uma merda de gramática e aí temos de voltar pra lá. E o que vai me dizer disso, hein? O que você está ensinando aqui que fará diferença na minha vida?*

Erin: *você não se sente respeitada. Foi isso o que disse Eva? Bem, talvez não seja. Mas para ser respeita, é preciso respeitar.*

Um aluno entra na conversa e diz:

André: *que besteira.*

Erin: *o que?*

André: *por que deveria respeitá-la? Por que é professora? Eu não te conheço. Como vou saber se não é uma mentirosa? Como vou saber se não é uma pessoa ruim? Não vou te respeitar porque te chamam de professora.*

Eva: *brancos querem ser respeitados como se fosse uma obrigação.*

⁴ Holocausto é uma palavra de origem grega que significa “sacrifício pelo fogo”. O significado moderno do Holocausto é o da perseguição e extermínio sistemático, apoiado pelo governo nazista, de cerca de seis milhões de judeus. Os nazistas, que chegaram ao poder na Alemanha em janeiro de 1933, acreditavam que os alemães eram “racialmente superiores” e que os judeus eram “inferiores”, sendo uma ameaça à auto-intitulada comunidade racial alemã. (<http://www.ushmm.org/museum/exhibit/focus/portuguese/>, acessado em outubro de 2009)

Erin: sou uma professora. Não importa minha cor.

Eva: claro que importa. Depende das pessoas decidirem o que você merece, de quererem o que não merecem de brancos acharem que sempre vai mudar o mundo. Sabe, odeio gente branca.

Erin: você me odeia:

Eva: sim

Erin: você não me conhece.

Eva: eu sei o que você pode fazer. Vi tiras brancos atirarem pelas costas num amigo que procurava a carteira. A carteira. Vi brancos invadirem minha casa e prenderem meu pai sem motivo além de estarem a fim disso! Só porque podiam. E podem porque são brancos. Então eu odeio gente branca!

A professora se dirige a um aluno branco e diz:

Erin: Bem, tem algo a dizer?

Bem: posso sair daqui, por favor?

Em seguida, um aluno negro diz:

Marcus: moça, pare de tentar mostrar que entende nossa situação e banque a babá ai na frente.

Erin: acha que tudo se resume a isso?

Marcus: não tem nada mais. Quando olho para o mundo não vejo ninguém parecido comigo com o bolso cheio que não seja fazendo rap ou batendo uma bola. O que mais você tem para mim?

Erin: e se não souber fazer rap ou bater bola?

Andre: não é isto aqui. Eu sei.

Marcus: com certeza.

Erin: vocês todos acham que vão se formar pensando assim?

Andre: entrei no colegial. Ninguém me deteve.

Marcus: moça, terei sorte se chegar aos 18. Estamos em guerra. Nos formamos a cada dia de vida porque não temos medo de morrer protegendo os nossos. Ao menos quando se morre pelo seus morre-se com respeito, feito guerreiro.

Todos os alunos da classe concordam com Marcus.

Erin: quando morrerem serão respeitados? É o que pensam?

Novamente todos concordam.

Erin: sabe o que vai acontecer quando você morrer? Vai apodrecer debaixo da terra. E as pessoas vão continuar vivendo e não vão mais lembrar de você. É quando você apodrecer acha que vai fazer diferença se era um bom bandido de verdade? Vai estar morto. É ninguém, ninguém vai querer lembrar de você porque tudo que você deixou para trás foi isto.

Ela mostra o desenho para os alunos, que ficam reflexivos. Através do discurso da professora os alunos passam a se interessar pelo tema do holocausto.

Erin se entusiasma com este interesse dos estudantes e passa a pesquisar sobre o tema e realizar atividades que incentive os alunos nos estudos.

Com o objetivo de aprimorar seus conhecimentos, Erin desenvolve uma dinâmica com a turma. Ela faz uma risca vermelha no chão da classe e faz diversas perguntas como: quem já viu um amigo morrer, quem já foi para o reformatório e outras, e se a resposta for positiva os alunos devem pisar na risca. Todos participam, e no fim da atividade a professora diz:

Todos tem a sua historia e é importante q contem a sua, mesmo que para si mesmos. Então o que faremos é: vamos escrever todos os dias neste diário. Podem escrever o que quiserem o passado, o futuro, mas têm de escrever todo dia. Não darei nota por eles. E não vou ler a não ser que me dêem permissão.

Os alunos executam esta atividade e passam a se envolver na escola.

Erin realiza com os alunos uma excursão ao Centro Simon Wiesenthal⁵ – But Hashoah- Museu da tolerância, com objetivo de aprofundar o tema do Holocausto. Após a visita ela leva os estudantes para um jantar no luxuoso hotel em que trabalha. O jantar é realizado com a presença de sobreviventes do Holocausto, que depõem suas histórias para os alunos.

No primeiro dia de aula do segundo ano, Erin inicia com uma atividade que evidencia o desenvolvimento dos alunos e de suas atitudes, ela faz um brinde à mudança, e diz:

Certo, meninos e meninas, escutem! Quero que façam o seguinte. Quero que todos venham à frente e peguem um destes sacos de livros que contém as quatro obras que vamos ler este semestre. São livros muito especiais que me lembram de algum jeito, cada um de vocês. Mas antes que peguem os livros quero que peguem um desses copos de refrigerante de sidra e quero que façam um brinde. Vamos fazer um brinde pela mudança. Isso quer dizer que, a partir deste momento todas as vozes que disseram não dá foram silenciadas. Toda justificativa de que as coisas nunca mudarão, desapareceu. E as pessoas que eram antes deste momento essa pessoa virou a página. Agora é a sua vez.

Observa-se que um dos métodos utilizado por Erin é a auto-avaliação. Dentro desse enfoque o último projeto desenvolvido pelos alunos no segundo ano é a elaboração de um livro com os diários dos alunos, produzindo-se o Diário dos escritores da liberdade.

No conjunto da filmografia percebe-se uma professora que transita de esquemas educacionais relacionados a abordagem de ensino ou modelos educacionais que envolvem tanto a educação e a formação numa perspectiva da escola nova, passando por aspectos da

⁵ O Centro Simon Wiesenthal (em inglês *Simon Wiesenthal Center*), fundado em 1977, é uma organização internacional de direitos humanos com sede em Los Angeles, cujo principal enfoque temático é a questão do Holocausto.

abordagem sócio-cultural, mas não ignorando que a educação também pode ser vista como um processo de iniciação. (ESTEVE, 2004; MIZUKAMI, 1986; FERNANDES, 1998)

3.4.6 O ser professor

Erin, ao iniciar a docência se mostra entusiasmada em exercer essa profissão. Esta sensação pode ser comprovada no diálogo entre Erin e Campbell;

Campbell: há dois anos atrás éramos uma das melhores escolas da região, mas desde que a integração voluntária foi introduzida perdemos mais de 75% de nossos melhores alunos.

Erin: bem, na verdade escolhi a Wilson por causa do programa de integração. Acho que o que está acontecendo aqui é muito empolgante, não acha? Antes eu pensava em fazer direito... mas a verdadeira luta deveria acontecer aqui na sala de aula.

Campbell: bem, essa frase é muito bem pensada. Erin sei que é uma mulher muito inteligente e adorável. Mas é seu primeiro trabalho como professora. Como chefe do departamento preciso confiar na sua capacidade de enfrentar nossas dificuldades.

Erin: eu sou capaz. Ainda tenho muito de aprender como professora, mas sou ótima aluna. É quero muito, muito mesmo estar aqui.

Este entusiasmo de Erin é evidente no primeiro dia de aula, a professora arruma sua pasta com os materiais, escolhe suas roupas e para completar coloca o seu colar de perolas. Após se vestir, ela pergunta ao marido:

Estou com cara de professora?

Ele confirma e sorri.

No primeiro dia de aula, assim que o sinal toca, Erin se mostra ansiosa e espera os alunos, que aos poucos chegam. Ela é simpática com eles e os cumprimenta, mas eles a ignoram, neste momento seu semblante muda e a câmera focaliza: do sorriso ao semblante de preocupação e nervosismo.

Conforme os dias vão passando, Erin percebe que suas metodologias de ensino se tornaram fracassada.

Em certa ocasião, soa a sirene da escola, os alunos de sua turma saem correndo para o pátio e começam a brigar entre eles mesmos e os demais estudantes da escola. Erin se mostra apática e horrorizada com a situação. Ao chegar a sua casa ela chora nos braços do marido que questiona:

Tem certeza sobre a escola?

Erin responde:

Não é bem como eu tinha pensado.

Averigua-se que o desinteresse dos alunos contribui para a desmotivação da docente.

Erin, procura sempre orientar os alunos contra o preconceito, como visto no discurso do item **A educação**, ela quer provar aos alunos que o aprendizado é um fator essencial, e que só desta forma as pessoas serão lembradas, nessa ocasião ela diz:

Sou uma professora. Não importa minha cor.

Por meio desta fala comprova-se que a formação docente independe de raça.

Ao descobrir a realidade dos alunos através da leitura dos diários, Erin desabafa com o pai:

Pai, não sei o que fazer com isto. Não sou assistente social. Sou uma professora novata.

Por meio deste desabafo é possível considerar que Erin se sente surpresa diante da realidade em que está inserida e não sabe agir perante esta situação, porque em sua formação ela não foi preparada para lidar com situações como esta. Uma formação que ocorreu ao longo do percurso como professora, ou seja uma formação experiencial.

A partir do momento em que Erin consegue fazer com que os alunos se envolvam no processo de aprendizagem, ela passa a dedicar-se exclusivamente a eles, arruma mais dois empregos, deixando de lado sua vida pessoal e sentimental.

Esta professora se diferencia dos demais docentes porque faz com que os alunos pensem em esperança de melhora, e através de seus métodos, beneficia a vida deles.

A principal característica de Erin é de não desistir diante dos obstáculos, e quando ela toma uma decisão ninguém a detém.

Na cena em que o marido abandona o lar Erin diz:

Não planejei ficar responsável pelos garotos, mas quando os ajudo a darem sentido a suas vidas tudo na minha se completa. Finalmente descobri para que nasci e adoro isso.

Esta frase evidencia que a docência completou a sua vida ao dar sentido a vida dos alunos. Fernandes (1998) aponta que esta característica pode ser encontrada no paradigma do pedagogo, quando assinala que:

a capacidade do professor para levar em conta as necessidades do aluno, capacidade que pode ser favorecida por uma formação psicológica, psicossociológica ou pedagógica. (FERNANDES, 1998, p. 14)

Relacionando os discursos e atitudes de Erin com os ideais de Fernandes (1998) é possível perceber que o foco de Erin no processo de aprendizagem é o aluno.

3.4.7 Perspectivas com relação à docência no perfil do professor

Erin Gruwell é uma professora recém formada, ela entra na escola consciente de que será professora de alunos especiais.

Ela imagina que esses alunos, apesar da dificuldade social, ao entrar na escola se mostram dedicados ao aprendizado. Porém ela se depara com uma classe que não interesse no processo de aprendizado, e acima de tudo não entendem o significado de estarem no ambiente escolar.

A docente, tenta de todas as maneiras interagir com os alunos, ela se mostra dedicada e prestativa, mas eles não correspondem com as expectativas dela, que se sente frustrada e fracassada.

Contudo, apesar das dificuldades, Erin não desiste de seus alunos, ela começa a investigar sobre a realidade deles e valorizar essa realidade. Os projetos desenvolvidos pela professora têm ligação com a vivência dos educandos.

Ao se deparar pelas barreiras impostas pela direção da escola, Erin decide agir segundo suas convicções, mesmo que tenha que se sacrificar trabalhando em mais dois serviços. E através desses serviços que ela compra livros para os alunos e agencia excursões.

Erin não desiste de seus alunos, e consegue o desenvolvimento cultural e social deles, ela se dedica a escola em tempo integral. Através de sua persistência ela promove uma realização profissional, mesmo que sua vida sentimental esteja em segundo plano. Sentir-se realizada como educadora é o significado da vida de Erin.



Figura 9: cena de uma aula de Erin

Capítulo 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando idéias do Capítulo 1, em que se descreve a presença dos professores, nos filmes hollywoodianos foi possível relacionar algumas das representações sociais encontradas de professor/ educador com as imagens apresentadas.

Na filmografia dos filmes selecionados, as escolas apresentadas elucidavam um tipo de estrutura tradicional com o seu respectivo sistema hierárquico, apresentando como contraponto a necessidade de uma nova escola.

Nos filmes Escola de Rock, Escritores da liberdade e Sociedade dos poetas mortos, o perfil do ser professor apareceu centralizado na idéia de autoridade, tendo como contraponto a perspectiva de uma docência que valorizava mais uma escola de vida e para a vida do que uma escola pautada em comportamentos e conteúdos estruturados sobre a égide da transmissão cultural, ou seja, do que é considerado importante para a sociedade.

A despeito das ironias do filme Escola de rock sobre a imagem de professor no qual este foi visto como aquele que não sabe fazer e, portanto ensina, reproduzindo em parte o que determinados segmentos da população pensam a respeito do professor, ele também nos mostra a emergência de uma escola mais viva. Desse modo, nada mais contraditório do que um roqueiro, com formação musical refinada, para ensinar como se deve fazer. Neste ponto a vida e a ficção se unem buscando um novo horizonte.

Em Escritores da liberdade e Sociedade dos poetas mortos aposta-se no perfil de um professor inovador que desafia o sistema instaurado. E alguém que domina o conteúdo que

ensina com paixão disposto a se submeter aos mais diferentes sacrifícios, até vender lingerie e trabalhar como secretária em um hotel.

São professores dispostos a tudo para passar a magia do conhecimento na conquista de novos mundos, mas esbarram também na própria fragilidade humana da incompreensão, sistematização, burocratização. Porém, um professor vence o sistema enquanto que o outro é vencido pelo sistema, mas não em sua proposta. Novamente o que temos por trás da filmografia é *american way of life*, suscitando a idéia contínua do slogan que “nós podemos”.

Como mensagem fica a idéia de que a docência só não é possível para quem não tem compromisso. Contra a frieza e rigidez de um sistema educacional que não inova a afetividade e a reflexividade como armas para superar a intolerância e os desafios do meio. Super-homens e mulheres-maravilha não morreram, eles habitam em cada um que acredita no *american way of life*.

Críticas a parte vislumbra-se que ser professor incide em se ter domínio da matéria que se ensina, conhecimento pedagógico, conhecimento do contexto, mas principalmente conhecimento pedagógico do conteúdo específico que deverá ser passado. Nisto consiste a máxima desses dois filmes que retratam uma ficção e uma realidade ao gosto dos estúdios de Hollywood.

Com o filme *A creche do papai* ironiza-se todo o sistema educacional infantil e a multiplicidade das teorias e fantasias que o circundam. Para ensinar basta ser educador, na compreensão de que toda pessoa que lida com a educação é um educador. Portanto, os pais são educadores inatos, possuem uma pedagogia que vem do berço de seus pais e do aprendizado realizado na escola da vida. O processo de escolarização é importante, mas na ausência de emprego, se pode inovar, criando-se escolas alternativas para crianças que não são alternativas.

Explora-se como pano de fundo a crise de relacionamentos que abalam determinadas sociedades, propondo-se o resgate puro e simples da vida em família, da escola como uma família onde se brinca e se diverte.

Neste contexto a docência consiste em encontrar formas alternativas e de improvisação para mudar a ordem estabelecida dos horários e dos compartimentos de conhecimentos. O profissional que emerge desse “jardim bucólico” é o pai de família que não possui necessariamente uma formação pedagógica, mas tem formação em educação, entendendo-se nessa correlação que a pedagogia é teórica enquanto que educação é prática.

No conjunto as diferentes obras talvez não deveriam ter sido utilizadas no seu conjunto dado a trama com a qual cada uma lidou em termos de gênero e proposta. Porém foi

um desafio interessante cruzar esses dados que em sua essência possui uma mesma origem, ou seja, o *american way of life*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.J. Cinema, Arte da Cidade. Revista Pro- Posições- Vol10 Nº1, 1999.

ARENDT, H. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 238-243

BAUER, M.W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

BENITES, L.C. A formação profissional em Educação Física: Imagens e projetos- A identidade profissional docente. Trabalho de conclusão de curso- UNESP- IB; Rio Claro, 2003.

CAMPOS, A.C.L. Retrato do professor sobre a ótica cinematográfica. Trabalho de conclusão de curso- UNESP- IB; Rio Claro, 2005.

CONTRERAS, J. A autonomia de professores. São Paulo: Cortez editora, 2002.

COUTINHO, L.M. Nas Asas do Cinema. Educação e realidade. Volume 33. Número 1. Porto Alegre, 2008.

CORTESÃO, L. Ser professor: um ofício em risco de extinção? São Paulo: Cortez editora, 2002.

ENGUITA, M.A. A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. Revista Teoria e Educação; Nº4. Porto Alegre, RS, 1991

ESTEVE, J.M. A terceira revolução educacional. São Paulo: editora moderna, 2004, p.95-117.

FABRIS, E.H. Não resta dúvida, a escola vive em outro tempo e espaço. Texto publicado no NH na Escola- Jornal NH em 28 de novembro de 1998.

_____. Representação de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola. Dissertação de mestrado- UFRGS; Porto Alegre, 1999.

_____. Cinema e educação: Um caminho metodológico. Educação e realidade. Volume 33. Número 1. Porto Alegre, 2008.

FECÉ, José Luiz. Do realismo á visibilidade: efeitos de realidade e ficção na representação audiovisual. Revista impressa Contracampo, n.2, janeiro/ junho de 1998. ISSN: 1414-7483. Disponível em : www.uff.br/mestcii/fece.htm- acesso em 2009- Acesso em 2009.

FERNANDES, R. Ofício de professor: o fim e o começo dos paradigmas. In: SOUZA, C. P. e CATANI, D.B. Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. Escrituras Editora. São Paulo, 1998.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar. Editora Record. Rio de Janeiro, 2005.

GONÇALVES, J.A. Desenvolvimento profissional e carreira docente — Fases da carreira, currículo e supervisão. Revista de ciência da educação, n.08, janeiro/ abril de 2009.

HANSEN. R. F. The Filmmaker as Historian. A Danish Journal of film studies, n.16. Aarhus, December 2003.

MORAES, A. C. A Escola Vista pelo Cinema. FEUSP. VIDETUR – 21, 2003.

MIZUKAMI, M. G. N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

NÓVOA, A. Para o estudo sócio- histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. Revista Teoria e Educação. Número 4.

_____. Nota sobre a formação (contínua) de professores. Conferência proferida na PUC/SP, maio, 1994.

_____. Os Professores na Virada do Milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Educação e Pesquisa. Volume 25. Número 1. São Paulo, 1999.

OLIVEIRA JUNIOR, W.M. Filmes & Professores: Momentos de uma oralidade muito presente. Revista Pro- Posições- Vol10 Nº1, 1999.

PAPI, S.O.G., Professores: formação e profissionalização. JM editora, Araraquara, 2005.

SARTI, F.M. O Professor e as Mil Maneiras de Fazer no Cotidiano Escolar. EDUCAÇÃO: Teoria e Prática - v. 18, n.30, jan.-jun.-2008

STAM, R. Introdução à teoria do cinema. Campinas: Papirus editora, 2003.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petropolis: Vozes, 2002.

VONDERAU, P. (Ed.). Film as history/ history as film. Historiography and Film: A Dangerous Liaison?. Berlin, 1999.

FILMOGRAFIA

A creche do papai.

Escola do rock.

Escritores da liberdade.

Sociedade dos poetas mortos.

IMAGENS

<http://www.adorocinema.com>. Acessado em setembro de 2009

<http://www.quebarato.com.br>. Acessado em outubro de 2009

<http://www.confrariadecinema.com.br>. Acessado em outubro de 2009